

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

**VERIDIANA MENDES**

**JANELAS DA MEMÓRIA**

**CRICIÚMA**

**2015**

**VERIDIANA MENDES**

**JANELAS DA MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Edite Volpato  
Fernandes

**CRICIÚMA**

**2015**

**VERIDIANA MENDES**

**JANELAS DA MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 23 de junho de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Edite Volpato Fernandes - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Tiago da Silva Coelho- Mestre - (UNESC)

Prof. Marcelo Feldhaus– Mestre - (UNESC)

**Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe Lourdes, a meu pai Vilson (*in memoriam*) e ao meu companheiro Cesar.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por estar sempre comigo, sendo meu refúgio e minha fortaleza em todos os momentos.

À minha mãe Lourdes, minha melhor amiga, meu espelho, meu orgulho, sempre me apoiando em todas as aventuras da minha vida. De mãos dadas seguimos fortes, mesmo com todos os obstáculos que a vida colocou em nosso caminho. Não há palavras nem gestos suficientes para expressar tamanho amor.

Ao meu pai Vilson (*in memoriam*), mesmo que não tenha sua presença física, o sinto comigo em todos os segundos. Minha memória guarda com exatidão todos os seus movimentos, suas expressões, seu cheiro, seu toque; a saudade é uma dor eterna, incurável e que remédio algum alivia. Queria o último abraço antes da partida, como um anestésico para aliviar a dor da ferida, teus olhos que me acalmam, deixam minha alma que chora.

Ao meu companheiro Mário Cesar, que há mais de cinco anos e, em especial neste momento, exercita a compreensão, paciência e amor. Neste tempo aprendemos, crescemos e comprovamos que realmente só temos a ganhar um com o outro.

À minha orientadora Edite que com a doçura dos seus olhos e sorriso me conduziu com exímia sabedoria, através da calma dos seus gestos e palavras.

À minha sogra Lúcia, que sem medir esforços prontamente percorreu Urussanga comigo e me acompanhou nas entrevistas realizadas.

À minha colega, amiga e confidente Rafaela, parceira de tantas missões intermináveis.

À minha colega Melissa, que compartilhou desesperos e inquietações durante este percurso.

Aos professores do curso que contribuíram para minha formação, não apenas profissional, mas pessoal, cada um possui uma mágica presença que levarei comigo onde for.

À Urussanga, cidade onde nasci, cresci e que um dia ainda voltarei a morar, pela sua beleza, seu charme e seu magnetismo cultural.

Às casas mais belas e poéticas, com as janelas mais convidativas e sinceras, feitas molduras que enriquecem o olhar.

Ao poeta passarinho Manoel de Barros, que me ensinou a carregar água

na peneira e a encher vazios, sinto saudade do seu sorriso sem ao menos tê-lo visto.

A todos os animais que fizeram parte da minha vida, pois desde que me entendo por gente eles sempre estiveram comigo, sendo meus melhores amigos, companheiros de aventuras, segredos e peraltices, em especial, ao meu boi amigo Mansinho (nunca vou esquecer seu choro um dia antes de me deixar). Às centenas de gatos que encontrei na rua e acolhi em minha casa, mesmo contra a vontade dos meus pais, em especial aos que me fazem companhia neste momento Nina, Chico e outros cinco que ainda não possuem nome; à Catarina, hoje minha única companhia canina de olhos úmidos e expressões humanas; às galinhas que hipnotizei; aos patos e marrecos que tentei abraçar, mas sempre fugiam de mim e aos cães que sigo até hoje nas ruas.

E, em especial às vozes desta pesquisa que contribuíram de forma única com suas histórias, opiniões e emoções, são elas: Graciana de Bona, Adão Bettiol, Valdecir Miotello, Ivete Bez Batti Bastos Alves e Marielle Bonetti.

**“Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.”**

**Ecléa Bosi**

## RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Janelas da Memória” está inserida metodologicamente na linha de Processos e Poéticas: Linguagens, do curso de Artes Visuais - Bacharelado da UNESC. Trata-se de uma pesquisa em arte, com abordagem qualitativa com objetivo de desenvolver um estudo sobre as edificações tombadas da cidade de Urussanga materializando a memória e a identidade dos moradores, tomando as janelas como elemento substancial e então desenvolver uma produção artística. Para tanto, apresenta a problemática: como materializar poeticamente a memória e a identidade dos moradores de Urussanga/SC, evidenciadas em seu Patrimônio Cultural, a partir do olhar de fora para dentro das janelas das suas casas tombadas? A pesquisa trata sobre as relações entre arte, memória, identidade e patrimônio histórico. Para tratar destas relações, a pesquisa faz uso da revisão bibliográfica e sustenta-se com autores que abordam a temática do estudo, entre os quais ressalto: Zamboni (2001), Choay (2001), Bosi (2001), Cauquelin (2007), Halbwachs (2006) e Ostrower (1987). Componho a pesquisa com imagens e narrativas, resultado de entrevistas, para fortalecer o processo criativo da produção artística envolvida neste estudo.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Memória. Janela. Arte. Identidade.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Casarão da família Nichele, construção de 1907 .....	33
Figura 2 – Casarão da Viúva Nichele, construção 1908 .....	33
Figura 3 – Conjunto Arquitetônico Bez Fontana, construção 1901 .....	34
Figura 4 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição .....	35
Figura 5 – Casarão da Família Boccardo, construção 1921 .....	35
Figura 6 – Primeira Prefeitura Municipal, construção 1902.....	36
Figura 7 – Igreja São Gervásio e Protásio, construção 1912 .....	36
Figura 8 – Residência da Família Bettiol, construção 1933 .....	37
Figura 9 – Cantina Cadorin, construção em etapas, início 1927 até 1944 .....	37
Figura 10 – Estação Ferroviária Urussanga, construção 1925.....	38
Figura 11 – Casa Ivanir Cancellier, construção 1909.....	38
Figura 12 – Casa Iva Damian, construção, 1896 .....	39
Figura 13 – Casa da família de César, construção 1937 .....	39
Figura 14 – Casa de Fioravante Mazzucco, construção 1914.....	40
Figura 15 – Casa da Família Miotello, construção 1943 .....	40
Figura 16 – Casa da Família De Lorenzi Cancellier, construção 1907.....	41
Figura 17 – Casa Rosalino Damiani, construção 1929 .....	41
Figura 18 – Casa de Lucas Bez Batti: Casa de Bona Marchet, construção 1925 .....	42
Figura 19 – Casa de Lucas Bez Batti: Casa Palácio de Lucca, construção 1896 .....	42
Figura 20 – Casa Torquato Tasso, construção 1892 .....	43
Figura 21 – Casarão da Família Mazzucco, construção 1912.....	43
Figura 22 – Casa de Caetano Bez Batti, construção 1936.....	44
Figura 23 – Victorio Bez Batti, construção 1925.....	44
Figura 24 – Casa de Carmela Bez Batti, construção 1948.....	45
Figura 25 – Casa de Zeferino Búrigo, construção 1944 .....	45
Figura 26 – Produto Urbano, 2013.....	54
Figura 27 – View from the Window at Le Gras, 1826 de Joseph Nicéphore Niepce, Col. Gernsheim, Harry Ransom Center – Austin/Texas –EUA.....	55
Figura 28 - (des)construções #1, 2007 Fotografia e Colagem 95x98cm.....	56
Figura 29 - Conhecidos de Vista #22, Fotografia, 2013 150 x 100 cm.....	57
Figura 30 – Janela #01 - 2015.....	59
Figura 31 – Janela #02 - 2015.....	59

Figura 32 – Janela#03 - 2015.....	59
Figura 32 – Janela#03 - 2015.....	59
Figura 33 – Janela #4 - 2015.....	59
Figura 34 – Janela #05 - 2015.....	60
Figura 35 – Janelas da Pesquisa .....	61
Figura 36 – Janelas da Pesquisa .....	62
Figura 37 – Janelas da Pesquisa .....	63
Figura 38 – Esboço 1 da disposição das fotografias, 2014. ....	64
Figura 39 – Esboço 2 da disposição das fotografias, 2015 .....	65
Figura 40 – Esboço 3 da disposição das fotografias, 2015. ....	66
Figura 41 - Esboço 4 da disposição das fotografias, 2015.....	67

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFDTC	Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 ABRINDO AS JANELAS</b> .....	<b>11</b>
1.1 ALICERCES METODOLÓGICOS .....	13
<b>2 PILARES DO PATRIMÔNIO: DO MONUMENTO AO CULTURAL</b> .....	<b>18</b>
2.1 PATRIMÔNIO NO BRASIL.....	22
2.2 REFLEXÕES SOBRE CONCEITOS DE PATRIMÔNIO, CULTURAL, NATURAL, IMATERIAL .....	25
<b>3 URUSSANGA, PAISAGEM CULTURAL ITALIANA</b> .....	<b>28</b>
3.1 JANELAS DA MEMÓRIA: AS CASAS .....	31
<b>4 MEMÓRIA E IDENTIDADE</b> .....	<b>46</b>
4.1 O OLHAR PARA DENTRO DAS JANELAS: PESQUISA DE CAMPO.....	48
<b>5 ARTE E ARTE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>52</b>
5.1 A POÉTICA DA JANELA.....	53
5.2 PROCESSO CRIATIVO, PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	58
<b>6 CONSIDERAÇÕES DE UMA JANELA ABERTA</b> .....	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>74</b>
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO .....	75
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO .....	76
<b>ANEXOS</b> .....	<b>77</b>
ANEXO A – REPORTAGEM DO JORNAL A TRIBUNA SOBRE A EXPOSIÇÃO: CITY ART, EDIÇÃO 15 E 16 DE JUNHO DE 2013.....	78

## 1 ABRINDO AS JANELAS

O morar transcende a ideia de delimitação de um espaço de convivência, o lar é mágico, é a expressão de si e dos seus, é capaz de estabelecer relações de cumplicidade que dificilmente poderão ser rompidas. Tenho um apego extremamente significativo e intenso pela casa onde morei, as lembranças estão enraizadas na memória sobre os animais que tive, objetos e amigos. O açude onde pescávamos e refletíamos, às vezes em que esteve vazio foi palco para as mais lúdicas brincadeiras. Como disse Manoel de Barros “meu quintal é maior que o mundo<sup>1</sup>”. Estes momentos vividos em família estão refletidos em minha personalidade e nos meus atos.

É esta comunhão com o morar e com o que construímos com ele, que me fez perceber e ter curiosidade sobre as casas ao redor da cidade de Urussanga/SC e sobre as famílias que ali viveram, pois são lugares vivos, repletos de sentimentos e significações. Desde criança, quando passeava na Praça de Urussanga ficava atraída pela beleza e os mistérios que cercam as casas antigas. A imaginação e devaneios me transportavam para um contexto que não vivi, mas que aquelas casas levaram a sentir. Ficava então perguntando: ainda existiam moradores ali? O que tais casas guardavam no seu interior? Sentia que se conseguisse olhar pela janela, poderia descobrir.

Conforme o tempo foi passando, os questionamentos a respeito destas casas reformularam-se, então no contexto da pesquisa que inicio, pergunto novamente: quais histórias e experiências estão impregnadas durante todos estes anos em suas paredes? Qual o comportamento dos seus moradores, seus costumes, tradições? E assim surgiu minha fascinação pelo Patrimônio Cultural, que sobrevive às transformações urbanas e representa a memória coletiva. Como as janelas, que são para a casa o que os olhos são para o ser humano, ou seja, uma casa sem janelas é como se fosse cega, presa em uma escuridão sem memórias. A arte entrou na minha vida juntamente com as descobertas do olhar.

Sempre fui muito curiosa e gostava de desenhar tudo o que descobria, sobre qualquer superfície que estivesse ao meu redor. As aulas de *Educação*

---

<sup>1</sup> Frase do poema O apanhador de desperdícios. In: BARROS, Manoel de. O Apanhador de Desperdícios. Entre Culturas, 2010. Disponível em: <[www.entreculturas.com.br/2010/10/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/](http://www.entreculturas.com.br/2010/10/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/)>. Acesso em: 07/06/2015

*Artística*<sup>2</sup> no colégio em que estudei eram as minhas preferidas, lembro-me como se fosse hoje das diversas releituras dos girassóis de Van Gogh<sup>3</sup>, que a professora nos colocava a desenhar.

Quando criança o olhar é atento, curioso e exploratório, porém à medida que crescemos e nos tornamos adultos, a percepção propende a ficar condicionada por consequência da rotina e das ações automatizadas, neste momento aparece o diferencial olhar artístico, que pode permanecer como o de uma criança, um olhar novo, permitindo-se renovar continuamente. A partir desta renovação do olhar que permite refazer formas, reconstruir e materializar memórias é que inicio este estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais.

A partir das indagações de criança e da relação entre memória local e o morar, o sentido das janelas e as casas antigas, parto dos temas arte, memória e patrimônio cultural, procurando compreender ao longo da pesquisa: como materializar poeticamente a memória e a identidade dos moradores de Urussanga/SC, evidenciadas em seu Patrimônio Cultural, a partir do olhar de fora para dentro das janelas das suas casas tombadas? Para maior abrangência da pesquisa faz-se relevante explorar outras questões como: Que concepções temos sobre patrimônio, memória e identidade cultural? Quais são as edificações de Urussanga, que se constituíram como patrimônio cultural local? Qual o contexto em que foram construídas tais casas? Que memórias estão relacionadas àquelas casas antigas a partir do olhar de seus proprietários, moradores, parentes ou cidadãos de Urussanga? Como percebem as janelas? Que relações podem ser estabelecidas entre as casas como patrimônio cultural, memórias e identidade no intuito de desenvolver uma produção artística?

A partir destas questões, tenho como objetivo principal desenvolver uma pesquisa sobre algumas casas antigas da cidade de Urussanga, através de entrevistas, materializando a memória e a identidade dos moradores, a fim de elaborar poeticamente o olhar de fora para dentro das janelas e então desenvolver uma produção artística.

---

<sup>2</sup> Disciplina educativa cursada no ensino infantil, fundamental e médio.

<sup>3</sup> Girassóis, obra do pintor impressionista Vincent Van Gogh, óleo sobre tela, tamanho 92,1 cm x 73 cm, ano 1988. Fonte: UNIVERSIA BRASIL. Impressionismo: Vaso com quinze girassóis, de Vincent Van Gogh. Fev, 2014. Disponível em: <[noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/02/10/1080905/impressionismo-vaso-com-quinze-girassois-vincent-van-gogh.html](http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/02/10/1080905/impressionismo-vaso-com-quinze-girassois-vincent-van-gogh.html)>. Acesso em: 07/04/2015

Destacam-se como objetivos específicos: aprofundar a compreensão teórica acerca das concepções e relações entre arte, memória e patrimônio cultural local; Analisar e apresentar as casas antigas tombadas do patrimônio cultural da cidade de Urussanga, como espaços de memória e de identidade cultural; Compreender as relações intertextuais entre as casas presentes na paisagem urbana, e o imaginário social; Identificar elementos e registros do passado, bem como os mais representativos presentes nas casas estudadas e evidenciá-los de forma poética, através de uma produção artística que pretende evidenciar as janelas.

### 1.1 ALICERCES METODOLÓGICOS

A presente pesquisa intitulada “Janelas da Memória’ está inserida na linha de pesquisa “Processos e Poéticas: Linguagens”, do curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, onde se encontram as concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais<sup>4</sup>. Segundo Gil (2002, p. 17) a pesquisa é definida como um

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de varias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Ao ingressar no Curso de Bacharelado em Artes Visuais, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, no ano de 2011, estava certa do que me levara até ali, isto é, meu apreço pela história e sua temporalidade, que mesmo sendo transitória, marca com epígrafes o tempo e fixa fatos na memória. As aulas de História da Arte me proporcionaram estudos sobre os movimentos artísticos, seus componentes estéticos, e como a arte caminha com a história, interferindo nela. Ao longo do curso outras disciplinas, como Iconografia Cultural e Regional, Estética e Processos Fotográficos impulsionaram o intento de pesquisar sobre os temas Arte, Memória e Patrimônio Cultural.

O trabalho de conclusão de curso, que é parte integrante do bacharelado em artes visuais, possui características específicas, pois envolve uma pesquisa em

---

<sup>4</sup>UNESC. Resolução n.38/2014/ Colegiado UNAHCE UNESC. 2014. Disponível em <<http://www.unesc.net/portal/>> Acesso em 2 jun. 2015 às 20h.

arte e sobre a arte, porque, de acordo com Zamboni (2001, p. 6) pesquisa em arte é o “trabalho de pesquisa em criação artística, empreendido por artistas que objetivam obter como produto final a obra de arte”. Desta forma, requer uma escrita fundamentada e, de forma concomitante, o desenvolvimento de uma produção artística, ou seja, “quando o artista também se assume como pesquisador e busca, com essa dupla face, obter trabalhos artísticos como resultado de suas pesquisas” (ZAMBONI, 2001, p. 6). A produção artística resultante deste empenho deverá ser exposta ao término do trabalho em uma galeria de arte, com apresentação para uma banca examinadora.

Neste contexto, as pesquisas em arte e sobre arte apontam um paradoxo entre o objetivo e o subjetivo, pois percebemos que as atividades relacionadas ao conhecimento humano giram em torno de um componente lógico, racional e inteligível de um lado, e de um componente intuitivo e sensível de outro. (ZAMBONI, 2001).

Partindo do ponto de que a pesquisa requer um sistema metodológico, o presente estudo contempla os parâmetros estruturados, tendo em vista que a metodologia “inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade” (MINAYO, 2009, p. 15). No entanto, quando elucidada a pesquisa em arte como conhecimento no âmbito das artes, realizada por meio do processo de criação, ela assume uma postura poética, que, para Zamboni (2001) possui a existência da força intuitiva e sensível contida em qualquer processo de trabalho.

Esta investigação surgiu a partir do olhar nostálgico e questionador para as casas históricas da cidade de Urussanga, e para um elemento em particular: as suas janelas. A temática deste estudo busca materializar poeticamente a memória e a identidade de moradores de Urussanga através do seu Patrimônio Cultural. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, que objetiva gerar conhecimento e procura se aprofundar em um grupo social através da memória e sua identidade, relacionando e desenvolvendo o fazer artístico. É também classificada como uma abordagem qualitativa, pois para Minayo (2009, p. 22) a pesquisa qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.



Quanto aos objetivos, é uma pesquisa exploratória, que proporciona maior familiaridade com o problema, no intuito de torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2002, p. 41). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa é bibliográfica, pois é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2002, p. 44).

O estudo é realizado na cidade de Urussanga/SC, nesta pesquisa faço a descrição das vinte e cinco edificações tombadas pelo patrimônio histórico nacional. Destas, serão selecionadas cinco casas, as quais a pesquisa perscruta, esta seleção será realizada aleatoriamente. Para investigar as memórias intrínsecas nestes cinco casarões escolhidos, o estudo faz o uso de entrevistas com questões pré-definidas, elaboradas de acordo com o que a pesquisa pretende responder.

Em primeiro momento a entrevista acontece com o próprio morador/proprietário, que vivenciou o local desde a sua construção, mas caso o mesmo não esteja disponível, a entrevista se dá com familiares, partindo daquele que mais tempo residiu na casa. Estive provida com o roteiro de perguntas (Apêndice A) e com o termo de consentimento livre e esclarecido do participante (Apêndice B), também com um gravador de áudio e uma câmera fotográfica digital.

As entrevistas possibilitam interligar memórias e narrativas, instigar o olhar contemplativo e reflexivo, além de compreender o que elas entendem por patrimônio cultural, o que ele proporciona e representa na cidade, e da mesma forma, evidenciar as janelas e fomentar o significado deste elemento (janela) com um olhar de fora para dentro.

O roteiro de perguntas foi elaborado a partir da inquietação a respeito do olhar para dentro da janela e do desejo de conhecer a história das casas, o percurso da construção e seus moradores. Posteriormente são elaboradas reflexões sobre a relevância e o valor do patrimônio cultural para a cidade de Urussanga, lembrando que muitas vezes o patrimônio é tratado como empecilho ou até mesmo invisível aos olhos de quem o circunda. As entrevistas estão registradas por meio de gravações de áudio, alguns trechos são transcritos para o presente estudo e as casas visitadas são registradas em fotografias.

Esta investigação envolve uma produção artística, sendo esta produção alimentada pelas narrativas de cada entrevistado. A intenção é identificar a construção da identidade da cidade, através de elementos representativos e os realçar de forma poética a partir de um elemento substancial: as janelas, que além

da sua função de entrada de ar e luz, assumem um potencial poético e significativo.

A pesquisa apresenta seis capítulos, sendo que o primeiro refere-se à introdução: “abrindo as janelas” que abrange as motivações pessoais para desempenhar esta investigação, bem como os alicerces metodológicos sustentados com teóricos como Zamboni (2001), Gil (2002) e Minayo (2009).

No segundo capítulo: “pilares do patrimônio: do monumento ao cultural” trago a etimologia da palavra patrimônio e suas concepções durante a história, como ocorreu no Brasil explanando sobre seus conceitos cultural, natural e imaterial, contextualizando com autores como Choay (2001), Funari e Pelegrini (2009) e Abreu (2003).

No terceiro capítulo: “Urussanga, paisagem cultural” trago um resumo sobre a história da cidade e da imigração italiana, fundamentando com Baldessar (2005), Escaravaco (1984) e também reflexões sobre as edificações tombadas da cidade e sobre a relação do homem com sua casa, para tanto, me apoio em Bachelard (1989).

“Memória e identidade” é o título do quarto capítulo, no qual faço reflexões sobre memória individual, coletiva e identidade, dialogando com Halbwachs (2006) e Hall (2005). No subcapítulo “o olhar para dentro das janelas: pesquisa de campo”, apresento a pesquisa de campo onde realizei entrevistas com familiares, moradores e outras pessoas que possuem relação com as casas tombadas na cidade de Urussanga, relacionando a memória dos entrevistados com as minhas, tendo como referência a autora Bosi (2001).

No quinto capítulo “arte e arte contemporânea”, apresento uma discussão a respeito da arte e das linguagens artísticas das quais faço uso para elaboração da produção artística, expondo conceitos apresentados por Dubois (2003) e Bosco Silva (2008). No subcapítulo seguinte, “a poética da janela”, apresento os significados deste elemento da arquitetura e também objeto de estudo da pesquisa. Relacionando com poéticas pessoais encontro em Cauquelin (2007) e Jorge (1995) fundamento para abordar o assunto, também trago a artista Leticia Lampert como referência artística. No quinto capítulo trato do processo criativo e da produção artística envolvidos na pesquisa, com conceitos de Ostrower (1987) e Salles (1998).

O último capítulo: “considerações de uma janela aberta” apresento os resultados alcançados com esta pesquisa e o anseio de que as janelas, sejam das casas tombadas, sejam da minha ou de outras casas, estejam sempre abertas, e

que a luz que entrar por elas revele o cotidiano poético e corriqueiro que seduz o olhar.

A janela está aberta, convido então a olhar para dentro dela desprendido de conceitos e repleto de intenção.

## 2 PILARES DO PATRIMÔNIO: DO MONUMENTO AO CULTURAL

A palavra patrimônio possui múltiplos significados quando inserida em contextos distintos, é possível classificá-la como aquilo que traz consigo um valor agregado, podendo ser ele econômico e/ou afetivo. Neste sentido, o patrimônio torna-se uma concepção de pertencimento, tal como uma empresa é patrimônio de seu proprietário, uma casa, uma jóia, um objeto de valor, tal como herança de família. O termo patrimônio foi redefinido durante alguns períodos históricos, até chegar à sua designação atual. Segundo a etimologia da palavra patrimônio, a mesma é composta por dois vocábulos greco-latinos “pater” e “nomos”, onde “pater” significa pai ou chefe de família e “nomos” está relacionado a um grupo social, suas normas de conduta e seus costumes. Em conformidade com Abreu (2003, p. 34),

A noção de patrimônio traz em seu bojo a ideia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. No sentido jurídico refere-se a um complexo de bens materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômica.

Ainda sobre a origem da palavra patrimônio, Funari e Pelegrini (2009) reafirmam seu significado patriarcal e individual, caracterizado pela aristocracia romana quando

[...] se referia, entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai, pater ou pater familias, pai de família. [...] A família compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o patrimonium, tudo que podia ser legado por testamento, sem excetuar, portanto, as próprias pessoas. (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 10)

Neste contexto é possível entender que o patrimônio estava reservado a bens privados, exclusivos da aristocracia romana, pois não existia a compreensão de patrimônio público. Foi com a Igreja<sup>5</sup> a partir da Antiguidade tardia<sup>6</sup> e da Idade Média<sup>7</sup> que a concepção coletiva do patrimônio passou a tomar forma, onde “o culto aos santos e a valorização das relíquias deram às pessoas comuns um sentido de

---

<sup>5</sup>No sentido de Instituição.

<sup>6</sup> Período histórico compreendido entre os séculos IV e V.

<sup>7</sup> Período histórico compreendido entre os séculos V e XV.

patrimônio muito próprio: [...] a valorização tanto dos lugares e objetos como dos rituais coletivos” (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 12).

Para abordar as construções do conceito de patrimônio durante períodos históricos, é fundamental discutir a noção de monumento:

O termo é do latim *monumentum* que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz a lembrança de alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Neste sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças (CHOAY, 2001, p. 17).

Desta forma o monumento assume a função de lembrança e resgate de fatos importantes de um grupo social, e posteriormente, como completa Choay (2001), a essência do monumento tem sua relação com o tempo vivido e com a memória, assim, o monumento se coloca como elemento de relação entre o ser humano e a memória individual e coletiva. Ele está associado a grupos sociais, com o propósito de relembrar e materializar a memória de algo significativo para os seus. Na mesma concepção, Camargo (2002) usa o termo “monumentos intencionais”, construídos com a intenção de perpetuar a memória de um fato, de uma pessoa, de um povo.

É importante também discernir monumento, de monumento histórico, como destaca A. Riegl:

O monumento histórico não é desde o princípio, desejado (*ungewollte*) e criado como tal; ele é constituído a *posteriori* pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos representam apenas uma pequena parte. [grifo do autor] (1903 apud CHOAY, 2001, p. 25)

Portanto, certos elementos da história podem ser tomados como valor histórico e artístico sem que tenham como intuito sua construção para testemunho memorial ou celebrativo.

Tomando períodos e fatos marcantes da história da humanidade, temos o Renascimento<sup>8</sup> marcado pela ruptura com o passado medieval e a redescoberta dos valores culturais greco-romanos, juntamente com o ideal humanista que coloca o ser

---

<sup>8</sup> Período histórico compreendido entre os séculos XIV e XIV.

humano no centro do Universo, contesta o domínio da religião e data um período demasiadamente importante para as concepções de monumento e patrimônio. Esta retomada aos referenciais da Antiguidade fez com que os humanistas se preocupassem com a “catalogação e coleta de tudo que viesse dos antigos: moedas, inscrições em pedra, vasos de cerâmica, estatuária em mármore e em metal. Vestígios de edifícios também eram desenhados e estudados [...]”. (FUNARI; PELEGRINI. 2009, p. 13).

A prática do colecionismo é de extrema importância para formulação histórica de patrimônio e, ao que se refere sua conservação, Choay (2001) esclarece que os eruditos europeus, então chamados de *antiquaries* (antiquários) dedicaram sua atenção e estudos aos monumentos e vestígios da Antiguidade com uma pesquisa meticulosa e paciente. Estes vestígios e monumentos confirmavam testemunho material dos autores gregos e romanos e era para os antiquários de extrema confiabilidade quanto às informações originais sobre os usos e costumes da época, pois os “antiquários desconfiavam dos livros [...]. Para eles, o passado se revela de modo muito mais seguro pelos seus testemunhos involuntários, por suas inscrições públicas e, sobretudo, pelo conjunto da produção da civilização material” (CHOAY, 2001, p. 63).

Os testemunhos involuntários, caracterizados por produtos materiais dos antigos (objetos, monumentos), defendidos pelos eruditos como superiores ao do discurso caracteriza uma hegemonia da imagem, “daí se explica o papel crescente da ilustração no trabalho dos antiquários” (CHOAY, 2001, p. 77). A autora complementa que com a imagem era possível realizar estudos tipográficos e até cronológicos, e “à medida que ela se generaliza, a exatidão da representação dos edifícios contribui para que se complete e se firme o conceito de monumento histórico, que não por acaso recebe sua denominação no fim do século XVIII” (CHOAY, 2001, p. 83).

Com o Iluminismo e a filosofia de liberdade política, econômica, social e cultural há a mudanças nas coleções de antiquários e as coleções privadas de príncipes italianos, que se tornaram públicas, de acordo com Choay (2001, p. 85) “se abre a novas camadas sociais: novas práticas se institucionalizam (exposições, vendas públicas, edição de catálogos das grandes vendas e das coleções particulares).”

A definição semântica do termo patrimônio e os iniciais ideais de conservação tiveram introdução no final do século XVIII com a Revolução Francesa e o advento do Estado-Nação. De acordo com Funari e Pelegrini (2009, p. 13), “a preocupação com o patrimônio rompe as bases aristocráticas e privadas do colecionismo, e resulta de uma transformação profunda nas sociedades modernas, com o surgimento dos Estados Nacionais.”

Até o século XVIII os estados eram religiosos e monárquicos, ou seja, havia os súditos de um rei e deviam fidelidade a ele, o que a exemplo da França, “era um reino de direito divino, conhecida como Filha Primogênita da Igreja por sua ligação com a hierarquia católica” (FUNARI e PELEGRINI, 2009, p. 15). Alguns acontecimentos, somados como a revolta do povo influenciada pelo Iluminismo, a crise econômica e os envolvimento da França na guerra de independência dos Estados Unidos e na Guerra dos Sete anos resultaram na derrota do poder absoluto dos reis, pondo fim ao feudalismo e ocasionando tomada do poder político pela burguesia.

A partir destes rompimentos, se estabelecia a igualdade e a cidadania. Neste panorama, Funari e Pelegrini (2009, p. 16) elucidam o surgimento do Estado nacional a partir da invenção de um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território. Neste sentido, Chuva (2005) esclarece que se constituiu um sentimento de pertencimento ao grupo-nação, no qual todos se identificariam a partir de referências, ícones ou marcas aos quais eram atribuídos valores. De acordo com Funari e Pelegrini (2009, p. 17) “assim começa a surgir o conceito de patrimônio que temos hoje, não mais no âmbito privado ou religioso das tradições antigas e medievais, mas de todo um povo, com uma única língua, origem e território.”

A Revolução Francesa depredou construções existentes, devido a fatores ideológicos de oposição da sociedade à monarquia, tudo o que pertencia e representava o rei deveria ser destruído, em contrapartida com a extinção da monarquia emergiu um sentimento de proteção do patrimônio público e início de políticas de preservação. Foi necessário que o patrimônio estivesse à margem da destruição total para que a preocupação em proteger e conservar implicasse em medidas imediatas de interesse da sociedade e do Estado.

Foi preciso criar uma comissão encarregada da preservação dos monumentos nacionais, “a conservação iconográfica abstrata dos antiquários cedia

lugar a uma conservação real” (CHOAY, 2001, p. 96). Mais adiante a autora ressalta que esta reação de defesa é mais abrangente, visa a conservação, a riqueza e diversidade à totalidade do patrimônio nacional. Após a Revolução Francesa, os monumentos tornam-se um símbolo de reconhecimento do povo francês, materializando a identidade nacional e fortalecendo o sentimento de reconhecimento.

Outro conceito criado a partir da preocupação com o patrimônio nacional foi o de humanidade, e sobre isso Abreu (2003, p. 36) afirma que

O patrimônio nacional, além de construir uma referência para a construção de uma identidade comum a um povo que compartilha o mesmo território nacional, estaria também referindo ao que de melhor a humanidade produziu. [...] A noção de preservação de obras de arte e bens de valor histórico e simbólico nos uniria à ideia de preservação de um acervo teoricamente disponível para toda humanidade.

A ampliação do sentido da palavra patrimônio aconteceu século XX, entre as décadas de 60 e 80, pois até então o patrimônio era classificado como histórico e material tal como, bens móveis, objetos relativos à história e objetos relativos aos costumes antigos, a ampliação deste conceito se estendia para o patrimônio cultural, patrimônio natural e imaterial, conceitos estes que veremos adiante. No final da Segunda Guerra Mundial, com a criação da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) “destacou-se a vertente universalista da noção de patrimônio da humanidade” (ABREU, 2003, p. 36). Esta expansão mundial dos valores patrimoniais, para Choay (2001, p. 207) “pode ser simbolizada pela Convenção relativa à proteção do patrimônio mundial e cultural, adotada em 1972 pela Assembleia Geral da UNESCO, e, ainda de acordo com a autora, esta convenção criava uma série de obrigações relativas à identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão do patrimônio cultural às futuras gerações.

## 2.1 PATRIMÔNIO NO BRASIL

No Brasil as políticas de preservação do patrimônio tiveram início no século XX, porém o país passou por várias modificações com a chegada da família real portuguesa à cidade do Rio de Janeiro no século XIX e de acordo com Camargo (2002) rompendo com hábitos coloniais e tornando a cidade, o centro na monarquia



e do império português, impulsionando-a para o crescimento político, de inovações e modismos. Este processo também influenciou outras cidades do país, como São Paulo, que passou a ser a *metrópole do café*<sup>9</sup>.

O Brasil passou por depredações de seus monumentos para dar espaço à outra paisagem urbana, sob a influência não mais da monarquia e sim da república, de acordo com o capitalismo industrial, tendo como objetivo imitar os países mais civilizados e desenvolvidos como França e Inglaterra. É neste contexto de modernização político, social e cultural que apontam os indícios da preocupação com a preservação do patrimônio.

O movimento modernista e a Semana de Arte Moderna de 1922 trouxeram à cena cultural brasileira outra perspectiva em relação aos valores estéticos provenientes das vanguardas<sup>10</sup> artísticas europeias, movimentos estes que buscaram a valorização da cultura brasileira. De acordo com Torelly (2012), um Brasil de feição mestiça e desgarrado dos padrões europeus de então, mais indígena, mais africano, mais caboclo e caipira, que trata que reinventar o país, a partir da valorização do passado, este antes rejeitado tornava-se símbolo do resgate nacional.

Os modernistas, com uma série de iniciativas, como o alerta à destruição das cidades históricas, a preocupação com os bens que alegam ser pertencentes à nação, construindo a identidade nacional e assim tendo a necessidade de preservá-los. Em 1924, os modernistas Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, e o poeta surrealista Blaise Cendrars<sup>11</sup> e outros membros da elite cafeicultora paulista realizaram uma viagem intitulada de “Viagem da Redescoberta do Brasil”, tendo como destino cidades de Minas Gerais, em especial Ouro Preto, com objetivo tratar da temática de preservação do patrimônio histórico-cultural.

---

<sup>9</sup> A economia cafeeira é o fator que desencadeou o desenvolvimento que levou a capital paulista da nona cidade do Brasil em 1872 até a metrópole global de hoje. A cultura do café, introduzida no Brasil no século XVIII, se disseminou pelo sudeste e sul do país, gerando enorme riqueza e recriando hábitos e costumes. SÃO PAULO. **Roteiro O Café e a História da Cidade**. 2015. Disponível em <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/roteiros/roteiros-tematicos/roteiro-cafe>>. Acesso em 07 abr 2015.

<sup>10</sup>Fig. Agente, grupo ou movimento intelectual, artístico ou político que está ou procura estar à frente do seu tempo, relativamente a ações, ideias ou experiências. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/vanguarda>>>. Acesso em: 30 mar 2015.

<sup>11</sup>Blaise Cendrars é o pseudônimo de Frédéric Sauser, nascido na Suíça em 1887. Um poeta e novelista que morava em Paris quando conheceu Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, chegando ao Brasil na década de 1920. Vivenciando a efervescência cultural do modernismo. Disponível em: <[http://www.swissinfo.ch/por/blaise-cendrars-\\_o-modernista-que-descobriu-o-brasil/33925744](http://www.swissinfo.ch/por/blaise-cendrars-_o-modernista-que-descobriu-o-brasil/33925744)>. Acesso em 07 abr. 2015 às 23h.

Logo a necessidade de estabelecer leis e decretos para a proteção do patrimônio cultural se fez necessária, pois segundo Camargo (2002), em julho de 1933 concretizava-se a primeira medida oficial, em forma de Decreto, de reconhecimento do patrimônio cultural e a necessidade de sua preservação: a cidade de Ouro Preto foi escolhida como Monumento Nacional, devido ao fato de ser palco de acontecimentos históricos e de conter vários monumentos importantes.

Em 1936, com base em um anteprojeto de Mario de Andrade, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), fornecendo subsídios para que em novembro 1937, com o Decreto-Lei nº 25 seja definido o conceito de patrimônio no Brasil, viabilizando os processos de tombamento. O conceito foi estabelecido da seguinte forma:

O conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937).

Nesta perspectiva, o patrimônio ainda é definido apenas como bem material, assim como bens móveis significam ser suscetíveis de movimento próprio, ou de remoção por força alheia, sem alteração da substância ou da destinação econômico-social, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Enquanto bens imóveis são aqueles que não podem ser removidos, incorporados ao solo natural ou artificialmente, tal como núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais<sup>12</sup>. Decorrente de alterações administrativas, o SPHAN sofreu mudanças, tanto denominativas quanto estruturais ao longo dos anos, chegando à denominação atual de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável por preservar os diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira, com a missão de:

Promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, a responsabilidade do IPHAN implica em preservar, divulgar e fiscalizar os

---

<sup>12</sup> BRASIL. Código Civil. Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Ministério da Justiça. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm)>. Acesso em 08 abril, 2015, às 21h.

bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações.<sup>13</sup>

O IPHAN, juntamente com estados e municípios compartilham a incumbência de identificar e tomba o patrimônio cultural e artístico brasileiro. De acordo com Mello, o tombamento

[...] É o meio posto à disposição do Poder Público para a efetiva tutela do patrimônio cultural e natural do País. É por meio do tombamento que o Poder Público cumpre a obrigação constitucional de proteger os documentos, as obras e os locais de valor histórico ou artístico, os monumentos e paisagens naturais notáveis, bem como as jazidas arqueológicas (1986 apud CASTRO, 1991, p. 5).

Segundo o Decreto de lei nº 25/37, da Constituição Federal do Brasil de 1937, o tombamento é o instituto jurídico pelo qual se faz a proteção do patrimônio histórico e artístico que se efetiva quando o bem é inscrito no livro do tomo. Este decreto prevê quatro livros do tomo, nos quais devem ser feitas as inscrições dos bens culturais. São eles: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, inscritos os bens pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular; Livro do Tombo Histórico inscrito as coisas de interesse histórico e as obras de arte históricas; Livro do Tombo das Belas-Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira; Livro do Tombo das Artes Aplicadas, destinado às obras que se incluam na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE CONCEITOS DE PATRIMÔNIO, CULTURAL, NATURAL, IMATERIAL

O patrimônio pode ser entendido como um testemunho da memória e da identidade de um grupo social, com caráter de pertencimento de um passado comum transmitido a gerações futuras, é a memória materializada em objetos e ações. Para Martins (2006) o conceito de patrimônio histórico e artístico usado desde o século XIX foi sendo substituído pelo conceito mais amplo de patrimônio

---

<sup>13</sup> BRASIL. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&retorno=paginalphan>>. Acesso em 08 abr, 2015, às 20h.

cultural. O patrimônio pode ser dividido entre cultural e natural, e segundo a convenção da UNESCO realizada em 1972 em Paris, são considerados patrimônios culturais:

Os monumentos: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

Os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (UNESCO, 1972)

A UNESCO define como patrimônio natural as formações físicas, biológicas ou geológicas consideradas excepcionais, habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação ou estético. Em síntese, Barreto (2000) explica que o patrimônio natural é o conjunto de bens naturais produzidos, espontaneamente, pela natureza.

Em um anteprojeto de Mario de Andrade as definições de patrimônio artístico nacional já envolviam elementos não-materiais, porém estas definições não foram integradas ao Decreto-Lei nº 25/37, pois apenas a partir da década de 1980 que a concepção de patrimônio passou a incorporar elementos não apenas materiais, “sobretudo, os bens de origem popular, os seus fazeres e, bem mais recente, o patrimônio imaterial, como as festas, as danças, as procissões, a gastronomia etc”. (CAMARGO, 2002, p. 91-92). Estas modificações também ocorreram na Constituição Federal de 1988, descrito em seu artigo 216 que o patrimônio cultural brasileiro é constituído de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou e conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem:

I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

A reflexão sobre os conceitos de patrimônio cultural deixa evidente que a cultura e a identidade de um grupo social não estão representadas apenas pela expressão física dos objetos e monumentos, elas transcendem o material e passam a ser representadas também por manifestações intangíveis da cultura popular. Nas palavras de Abreu e Chagas (2003), na concepção ampla de patrimônio cultural, ele não está mais centrado em objetos e sim numa relação da sociedade com a cultura.

### 3 URUSSANGA, PAISAGEM CULTURAL ITALIANA

*“Ricordando la Pátria lontana,  
Nel mistero di nuova Nazione,  
Com amoré scrivesti, Urussanga,  
Uma nuova e piú bella canzon”<sup>14</sup>*

Segundo dados do IBGE<sup>15</sup>, Urussanga é um município do Estado de Santa Catarina, a 185 km da capital Florianópolis, fundada em 26 de maio de 1878 pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira. Recebeu no final do século XIX inúmeros imigrantes italianos vindos do norte da Itália e hoje é considerada principal centro da colonização italiana no sul do estado catarinense. Em 2014, a população ultrapassou 20 mil habitantes, em uma área de 254,869 km<sup>2</sup>.

A imigração italiana no sul do Brasil foi muito expressiva na segunda metade do século XIX, em consequência da desestruturação econômica e social da Itália. Os imigrantes partiram principalmente da região do Vêneto, Lombardia (Trento), Friuli, Venezia, Guilia e Emilia Romagna decorrente da industrialização que dificultou a sobrevivência de famílias agrícolas e do programa de imigração e formação de colônia pelo Governo Imperial no Brasil, para melhor desenvolvimento do país. Segundo Escaravaco (1984), chefiada pelo engenheiro maranhense Joaquim Vieira Ferreira, em dezembro de 1976, uma Comissão Imperial amplia novos núcleos de colônias, tomando como ponto de partida o vale do rio das Pedras Grandes, afluente do rio Tubarão e no ano seguinte iniciou o levantamento e marcação dos lotes da área.

A primeira colônia fundada foi Azambuja (que hoje pertence a Pedras Grandes) em 1877, e em 26 de maio de 1878, instala-se de forma definitiva o núcleo italiano no município de Urussanga, carregando na bagagem a esperança de dias melhores em terras férteis da América, posteriormente em Criciúma (1880) e Nova Veneza (1891). Além do assentamento das famílias na sede da colônia, também foram ocupados na Linha Rio Maior ao norte, com distância de 3km, no Rio Maior a 6km, Rancho dos Bugres 6 Km, São Valentim a 9km e São Pedro a leste no núcleo central com 5km de distância.

---

<sup>14</sup>“Na saudade da Pátria distante, No mistério da nova Nação, Com ternura escreveste, Urussanga, Nesta terra uma nova canção”. Trecho do hino de Urussanga, autor: Mons. Agenor N. Marques.

<sup>15</sup>Dados do IBGE disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421900&search=santa-catarina|urussanga|infograficos:-informacoes-completas>> Acesso em 13 abr, 2015, às 22h.

As primeiras impressões dos imigrantes ao chegarem às terras foram tão decepcionantes quanto as expectativas que criaram, a mata era virgem e não sabiam como derrubar árvores, as terras eram montanhosas e pedregosas, o que dificultava o cultivo, um povo que atravessou o mar transbordando sonhos e promessas de possuir suas próprias terras e sob suor e lágrimas plantar e colher em abundância, de repente estavam de frente com um mundo desconhecido, jogados à própria sorte. As famílias imigrantes tinham até seis anos para saldarem os débitos parcelados à província brasileira, estes débitos contemplavam “os custos de viagem, utensílios domésticos, ferramentas, sementes, alimento para os primeiros meses” (BALDESSAR, 2005, p. 59).

A primeira medida a ser tomada era sobre a moradia, precisavam se abrigar dos perigos e do tempo, nas palavras de Baldin (1999, p. 74)

Esses primeiros colonizadores desmataram, construíram cabanas cobertas de folhas de árvores, prepararam a terra, semearam, alimentaram-se de aves, peixes e de frutos dos bosques, colheram, sofreram doenças e por males dos mais diversos e estranhos, suportaram o medo, o frio, o calor excessivo, a chuva, a fadiga e as tristezas.

Devidamente instalados e cultivando as terras, começaram a produção de alimentos para a subsistência, como milho, arroz, feijão, ervilha, cana-de-açúcar, batatas e trouxeram da Itália sementes secas de hortaliças, sendo que a produção excedente era destinada à comercialização. Com o que arrecadavam compravam instrumentos de trabalho, vestimentas e alguns animais. Não poderia faltar o parreiral de uva, eles faziam o próprio vinho para consumo e quem o fazia em maior quantidade o comercializava. Logo, conforme Baldin (1999), Urussanga, com esforço do trabalho dos imigrantes veio a ser um centro comercial de toda a zona de colonização, superando as primeiras colônias, como Azambuja e Pedras Grandes. Apareceram as primeiras atafonas, moinhos, moendas, engenhos, descascadores, ferrarias, serrarias, feculares, oficinas, pequenas fábricas artesanais, comércio de secos e molhados.

O vinho se tornou a principal fonte econômica para cidade, tendo seu auge entre as décadas de 40 e 50<sup>16</sup>, pequenas cantinas se transformaram em fábricas de vinho, os primeiros ramos foram trazidos pelos imigrantes nos navios

---

<sup>16</sup> Publicação *on-line*: O carvão mudou o cenário da economia em Urussanga. Disponível em <<http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2010/07/29/o-carvao-mudou-o-cenario-da-economia-em-urussanga/>>. Acesso em 21 mai. 2015, às 6h.

“com todo cuidado envolto em musgo úmido” (BALDESSAR, 2005, p. 90). Grandes vinícolas se fixaram na cidade como a Caruso McDonald, esta trouxe o reconhecimento nacional para cidade, como a “Terra do bom vinho e da cultura italiana”, foi fundada por Giuseppe Caruso Mac Donald, responsável por trazer a uva Goethe para aos agricultores<sup>17</sup>. Outras vinícolas também importantes, como Lourenço Cadorin e Victório Bez Batti também fazem parte da consolidação do título de Urussanga como “Capital do Vinho”.

Em 1880 iniciou-se a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina (EFDTC) para possibilitar o transporte do carvão, ligando Imbituba à Lauro Müller. A partir da exploração do carvão mineral e da abertura das minas, a cidade começou a se desenvolver economicamente, em outubro 1900, Urussanga já possuía estrutura suficiente contando com escola, igreja, cemitério e casas de comércio. Foi desmembrada de Tubarão e elevada à categoria de município, e em 1918 foi construída a Companhia Carbonífera de Urussanga S.A. O crescimento econômico proporcionou à cidade uma expansão comercial, a agricultura enfraqueceu e os colonos passaram a trabalhar nas minas de carvão, com a estrada de ferro, a energia elétrica chegou em 194, correio, telégrafo e telefone também passaram a existir, mesmo que funcionando de forma precária.

A cidade iniciou um processo de urbanização que se destacou entre as décadas de 1940 e 1950, porém, a partir dos anos de 1970 é que este processo entrou em grande escala, com as instalações de grandes indústrias. Atualmente Urussanga se destaca pelo vinho e produtos coloniais, bem como na indústria moveleira, derivados de plásticos, cerâmica, vitivinicultura, fruticultura, entre outros<sup>18</sup>.

Urussanga possui forte identidade italiana, no ano de 1988, o município recebeu a visita do prefeito de Erto-Casso e o secretário do prefeito de Longarone, e através desta visita foi proposta uma parceria sócio-cultural entre Urussanga e Longarone, intitulada *Gemellaggio*<sup>19</sup>. Em 1991 foi assinado em Longarone o

---

<sup>17</sup> Publicação *on-line*: A fábrica do pioneirismo. Disponível em <<http://www.jvanguardia.com.br/site2012/2010/03/04/a-fabrica-do-pioneirismo/#>>>. Acesso em 21 mai. 2015, às 7h.

<sup>18</sup> Apresentação do município de Urussanga. Disponível em <<http://www.urussanga.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/6330#.VWSqQs9Viko>> Acesso em 21 mai. 2015 às 10h.

<sup>19</sup> A palavra *Gemellaggio* provém do italiano *gemelli* que significa gêmeos. O *Gemellaggio* é um acordo selado entre cidades de nações diferentes, que facilita o acesso a informações, troca de experiências, elaboração de projetos e cooperação econômica e cultural. Em português significa



documento formal pelos dois prefeitos, e em 26 de maio do ano seguinte as comemorações foram em Urussanga, juntamente com o aniversário da cidade. A cultura italiana também é lembrada nas suas festas, como a “Festa do vinho”, realizada bianualmente, sendo a primeira em 1984, e o *Ritorno Alle Origini*, uma festa originada do *Gemellaggio*, de caráter cultural, social e turístico, tendo como objetivo o resgate e a divulgação dos valores étnicos que moldaram a identidade da população urussanguense<sup>20</sup>.

### 3.1 JANELAS DA MEMÓRIA: AS CASAS

Urussanga, além de ser a terra do vinho, também é um núcleo caracterizado pela importância cultural e patrimonial, compondo um conjunto de vinte e cinco bens materiais tombados pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC). A cidade possui um acervo arquitetônico ítalo-brasileiro com características tipicamente italianas. O guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina (2010, p.19) define a arquitetura como testemunho perdurável da identidade

com suas formas e composições (a arquitetura) é uma das expressões mais significativas e marcantes das regiões de imigrantes. A maneira de construir a casa, de distribuir os cômodos, de arrumá-la, enfeitá-la; o desenho da igreja, da escola, do comércio e de tantas outras edificações que abrigam a vida da comunidade, fazem parte da bagagem cultural trazida pelo colono do seu país de origem.

De modo conciso, Cauquelin (2007, p.20) define paisagem como um conjunto de valores ordenados em uma visão, e a exemplo de paisagem cultural<sup>21</sup> da imigração italiana, as casas dispõem-se na parte central da cidade, dezenove edificações em torno da Praça Anita Garibaldi, juntamente com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e outras seis edificações na zona rural, uma na localidade do Rio América Baixo e cinco no Vale do Rio Maior.

---

“Cidades-Irmãs” Disponível em <<http://projetoGemellaggio.blogspot.com.br/p/o-que-e-gemellaggio.html>> Acesso em 22 mai. 2015 às 8h.

<sup>20</sup> Festas típicas: XIII Ritorno Alle Origini. Disponível em: <<http://www.urussanga.sc.gov.br/turismo/evento/detalhe/codEvento/432>>. Acesso em 22 mai. 2015 às 10h.

<sup>21</sup> Paisagem cultural, segundo a portaria do Iphan nº 127/2009 é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. Disponível em <[http://pib.socioambiental.org/anexos/19929\\_20110518\\_092742.pdf](http://pib.socioambiental.org/anexos/19929_20110518_092742.pdf)> Acesso em 22 mai. 2015 às 23h.

As características arquitetônicas destas casas, analisadas pelo guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina (2010, p. 20) “possui volume sóbrio, simétrico, com proporções e elementos clássicos tais como cunhais, arcos e cimalkhas. O material vai desde a madeira até alvenarias de tijolos e pedra”. É possível observar, mesmo não tendo conhecimento sobre arquitetura, que as edificações da região central diferenciam da região rural: as casas do centro representam uma arquitetura de forma ornamental acentuada, com fachadas imponentes, ostentam uma imagem de palacetes e requinte, de modo distinto. Por outro lado, as casas no âmbito rural são robustas, com finalidade mais funcional do que estética, em similaridade às casas de influência italiana, onde a cozinha é localizada nos fundos.

A *priori* estabelecemos uma relação utilitária com os objetos, assim, igualmente com as casas acima descritas, como elementos da cultura italiana, construídas para abrigar o homem do tempo, as casas são elementos vivos. Retratam os que a habitam como testemunhos do cotidiano, a casa é o nosso primeiro mundo também o “nosso canto do mundo” (BACHELARD, 1989, p. 24), onde nele estabelecemos relações com um espaço dotado de valores e símbolos de personalidade. Assim como a casas dos imigrantes de Urussanga, cada uma, por mais arquitetonicamente semelhante com outras, possui uma identidade própria proveniente desta relação entre homem e ambiente. No artigo “Casa: uma poética da terceira pele”, Maria Longhinotti Felipe cita a expressão criada pelo artista plástico vienense *Hundertwasser*<sup>22</sup>, que definiu a casa como uma terceira pele humana:

Assim concebido como extensão do corpo, o espaço arquitetônico carrega, tal qual o próprio corpo, a imagem da totalidade, através da condição natural de microcosmo particular, e porque não dizer, modelo reduzido de nosso Universo. (FELLIPE, 2010, p. 300)

Nesta perspectiva, de que a casa é o nosso pequeno Universo, sigo com reflexões a respeito do que é constituído neste universo, habitá-lo, não apenas no

---

<sup>22</sup>Friedrich Stowasser mais conhecido como Friedrich Hundertwasser (1928-2000) foi um pintor, arquiteto, ecologista e ativista político. Sua trajetória foi marcada por uma intensa atividade pictórica, realizações no campo da arquitetura – com construções, manifestos anti-racionalistas e ações históricas em defesa de uma visão naturalista do ambiente. Para Hundertwasser o homem possui cinco peles: a sua epiderme natural, o seu vestuário, a sua casa, o meio ambiente onde vive e, a última, a pele planetária ou crosta terrestre onde todos vivemos. Disponível em <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=41&idBiografia=52>> Acesso em 23 mai. 2015 às 8h.

sentido de moradia, mas também no sentido de ser alguém, como condição da existência. Abaixo segue a lista de edificações tombadas pela proteção estadual da Fundação Catarinense de Cultura na cidade de Urussanga, a sequência compreende vinte e cinco edificações.

Figura 1 – Casarão da Família Nichele, construção de 1907, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 2 – Casarão da Viúva Nichele, construção 1908, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 3 – Conjunto Arquitetônico Bez Fontana, construção 1901, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 4 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição  
Construção 1923 (Campanário) e 1945 (Igreja), 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 5 – Casarão da Família Boccardo, construção 1921, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 6 – Primeira Prefeitura Municipal, construção 1902, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 7 – Igreja São Gervásio e Protásio, construção 1912, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 8 – Residência da Família Bettiol, construção 1933, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 9 – Cantina Cadorin, construção em etapas, início 1927 até 1944, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 10 – Estação Ferroviária Urussanga, construção 1925, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 11 – Casa Ivanir Cancellier, construção 1909, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 12 – Casa Iva Damian, construção, 1896, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 13 – Casa da família de César, construção 1937, 2015.



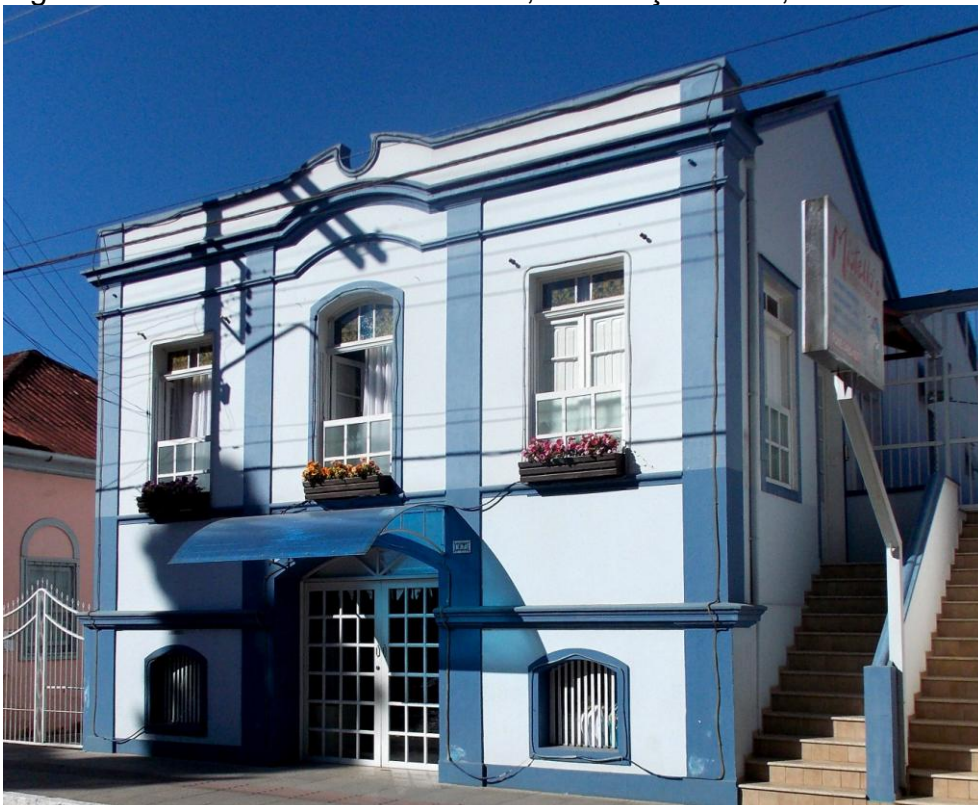
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 14 – Casa de Fioravante Mazzucco, construção 1914, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 15 – Casa da Família Miotello, construção 1943, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 16 – Casa da Família De Lorenzi Cancellier, construção 1907, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 17 – Casa Rosalino Damiani, construção 1929, 2015.



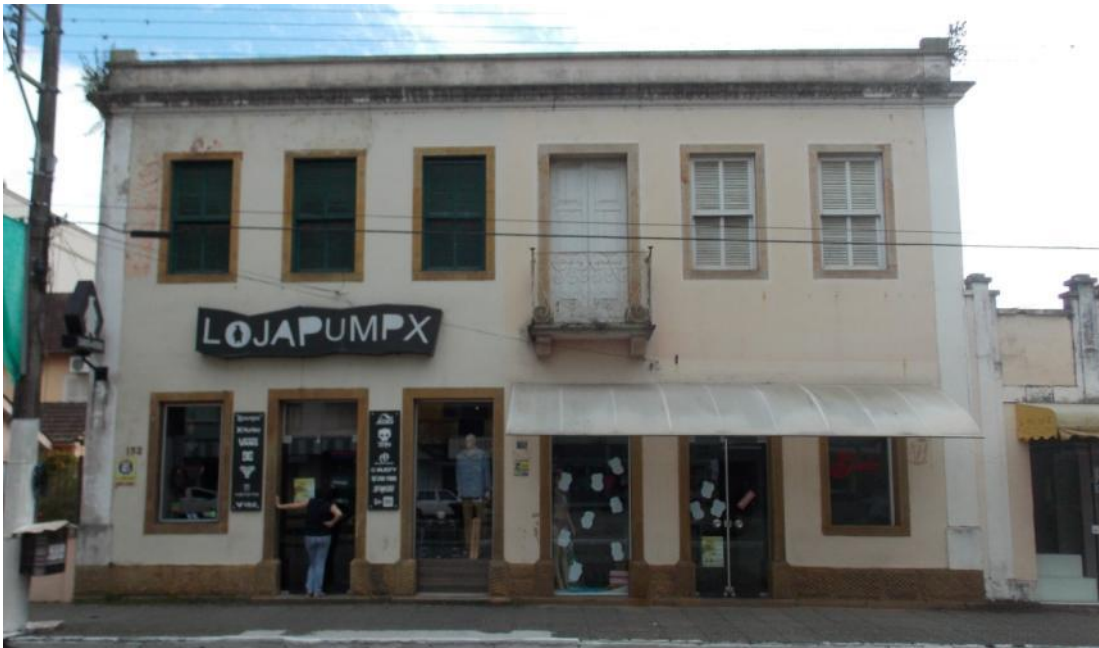
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 18 – Casa de Lucas Bez Batti: Casa de Bona Marchet, construção 1925, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 19 – Casa de Lucas Bez Batti: Casa Palácio de Lucca, construção 1896, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora



Figura 20 – Casa Torquato Tasso, construção 1892, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 21 – Casarão da Família Mazzucco, construção 1912, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 22 – Casa de Caetano Bez Batti, construção 1936, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 23 – Victório Bez Batti, construção 1925, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 24 – Casa de Carmela Bez Batti, construção 1948, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Figura 25 – Casa de Zeferino Búrigo, construção 1944



Fonte: Acervo da Pesquisadora



## 4 MEMÓRIA E IDENTIDADE

As casas antigas de Urussanga evidenciam a memória dos seus moradores, em suas paredes há vestígios de um tempo vivido, de fatos e histórias de anos de moradia. Essas casas despertam em mim desde criança esta nostalgia de tempos vividos, como se eu estivesse presente de alguma forma e que hoje sinto saudades, pois também incitam as lembranças de infância da minha casa, onde vivi até os vinte e três anos. Nas palavras de Cattani (2000), apropriar-se do espaço e ali enquadrar a paisagem significa talvez controlá-la, guardá-la para si, construir-se um lugar pessoal, móbil, interior e esse lugar acompanha o corpo e seus deslocamentos. As casas antigas são lugares vivos da memória, como um livro, onde meus olhos podem ler nas suas linhas e entrelinhas de concreto, pedra e madeira e rememorarem meu imaginário, as vivências ali passadas.

As janelas se comportam como componentes primordiais na construção destes fragmentos de memória que tanto me encantam. Lembro da janela do meu quarto e a vista para o açude, envolto com bancos de madeira onde eu admirava a paisagem e meu pai sentado todas as manhãs, observando os peixes nadando como bailarinos que dançam na água. De acordo com Bosi (2001, p. 53) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança”. Quando volto meu olhar para as janelas das casas antigas, penso nas janelas abertas, onde a luz do sol ilumina seu interior, e é como se eu estivesse lá há oitenta anos, do lado de fora das janelas, olhando para o interior da residência e me apropriando da existência e das situações vividas naquele local.

Imaginar as lembranças alheias trazidas por estas casas me faz refletir sobre como elas são elementos essenciais na paisagem, e enquanto patrimônio cultural refletem manifestações sociais dos colonizadores da cidade e reforçam vínculos de pertencimento, não apenas individuais, mas também coletivos. Para o sociólogo Halbwachs (2006), a lembrança é o efeito de uma ordem coletiva, e a memória individual também está relacionada a um grupo social comum, unido por ela [a memória], chamado grupo de referência. Este grupo de referência é caracterizado por um grupo do qual o sujeito fez parte, com vivências em comum, um espaço de conflitos e influências entre um e outro, ou seja, nossas lembranças são coletivas e podem ser rememoradas por outros, pois, ainda segundo o autor,



nunca estamos sós, mesmo que os outros não estejam presentes fisicamente, pois estão conosco em pensamento.

Desta forma, em outras palavras, a memória coletiva pode ser a soma de inúmeras memórias individuais que se relacionam e que podem ser transformadas, é esta relação que estabeleço entre as casas antigas de Urussanga, seus moradores, herdeiros e comunidade. A memória do município e a identidade do seu povo estão ligadas diretamente às lembranças do grupo social unido por estas vivências, materializadas no patrimônio cultural local. As memórias coletivas evocadas por meio das casas, mesmo que de anos atrás, fazem parte da construção da minha memória individual, me reconhecendo como sujeito pertencente desta história e evocando lembranças da minha casa, do meu espaço. Para Halbwachs (2006, p. 72) “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer a lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si”.

O sentimento de pertencimento a um local e a um grupo está relacionado com a identidade deste mesmo grupo, é ela que em sua concepção histórico-social caracteriza o sujeito e seu grupo como únicos, ligados por aspectos em comum como físicos, comportamentais e psicológicos. Dentre os elementos unificados que compõem a identidade do sujeito está a memória, ela é um elemento do sentimento de identidade, como afirma Pollak (1992, p. 5):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A identidade pode ser abordada no sentido da imagem de si mesmo e para com os outros, ou seja, a imagem que a pessoa constrói e/ou adquire e apresenta para os outros, ou ainda na dimensão biológica, como a questão de gênero, ou também definida pela religião, entretanto, a pesquisa não irá por estes caminhos. No sentido de identidade cultural, o patrimônio, seja material ou imaterial, é uma peça de extrema relevância na composição de seus fundamentos, com a capacidade de representar a identidade, tornando-se um veículo de difusão cultural e um elemento de referência no espaço e no tempo. É por meio desta identidade reconhecida no passado-presente que é possível distinguir ou afirmar um dos outros, o que de acordo com Hall (2005, p. 106) “na linguagem do senso comum, a

identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”.

#### 4.1 O OLHAR PARA DENTRO DAS JANELAS: PESQUISA DE CAMPO

Quando pensava a pesquisa e estava ainda em projeto, a fim de explorar as memórias e as questões relacionadas ao patrimônio cultural arquitetônico, emergiu o desejo de realizar entrevistas com moradores, familiares ou pessoas que de algum modo contribuam para o estudo. Com o desejo amadurecido e transformado na pesquisa de campo, segui em direção aos entrevistados, munida de uma câmera fotográfica digital, que utilizei para registrar fotograficamente as casas, e de um celular utilizado para gravar o áudio das entrevistas. Ao todo foram cinco entrevistas realizadas, destas, 4 (quatro) no dia 14 de maio e 1 (uma) no dia 18 de maio de 2015. Ressalto que todos os envolvidos autorizaram devidamente o uso de suas falas.

Os entrevistados foram Graciana de Bona, é filha do segundo proprietário da casa (Figura 18 – Casa de Lucas Bez Batti: Casa de Bona Marchet), ela conta que seu pai comprou dos filhos do primeiro proprietário: Lucas Bez Batti. Adão Bettiol é filho do primeiro proprietário que construiu a casa (Figura 8 – Residência da Família Bettiol). Valdecir Miotello, atual proprietário, conta que comprou a casa também dos filhos de quem a construiu (Figura 15 – Casa Família Miotello). Ivete Bez Batti Bastos Alves, bisneta de Lucas Bez Batti quem construiu a casa que atualmente reside a Sra Graciana, estes quatro entrevistados em suas casas e Marielle Bonetti entrevistada na casa de Pedra Cancellier (Figura 16 – Casa da Família de Lorenzi Cancellier), onde a utiliza juntamente com sua irmã Michelle Bonetti como o espaço "Casa de Pedra Cancellier - Ateliê Aberto", Marielle relata que seus antepassados também são friulanos (natural da região do Friuli-Venezia Giulia na Itália) assim como o imigrante Francesco De Lorenzi Cancellier, primeiro proprietário.

A entrevista teve por objetivo coletar informações de cada entrevistado sobre as concepções de patrimônio cultural, a história da construção da casa, as memórias vivenciadas ou o que surge a partir da casa, a visão que estas pessoas têm da janela, também como a importância (ou não) das casas para cidade. Com as

respostas é possível identificar a falta de informações referente ao patrimônio cultural-material da cidade, é perceptível que os proprietários hoje se sentem lesados de alguma forma, o patrimônio que tem seu sentido de preservação para permanente difusão e identidade cultural é visto, inclusive por quem reside nele, como um empecilho para o “crescimento” da cidade. Em sua opinião, Graciana expressa que *“podia construir um prédio bonito [...] pra mim me prejudicou (o tombamento) porque perdeu o valor do terreno”*, estes bens culturais edificados estão ameaçados à destruição, vítimas do tempo e do descaso. Em conformidade com Turino (2003), “preservar o Patrimônio não é contraditório com o desenvolvimento econômico e social; pelo contrário, impulsiona-o”.

Uma cidade como Urussanga, com amplo patrimônio arquitetônico, precisa de agentes culturais capacitados, uma gestão pública de cultura com informações que possam auxiliar a comunidade, ampliando horizontes e o desenvolvimento cultural do município. É no mínimo triste que a cidade, exemplo de herança cultural, esteja sujeita a perder a manifestação mais visível da sua identidade, faço minha as palavras de Marielle quando diz que *“Urussanga dorme em berço esplêndido, só não acordou para isso [...] ainda dorme num sono profundo. Eu acredito que é papel do gestor público capacitar pessoas pra difundir esse tipo de informação na cidade, enquanto a informação tiver centralizada e não tiver acessível pra todos, porque a gente vê hoje os proprietários, a grande maioria tem interesse em restaurar essas casas, mas não sabem os caminhos, então a gente vê que o grande problema hoje é a ignorância no bom sentido, ignorância da falta de informação e do saber como fazer”*.

Por outro lado, depoimentos me emocionaram no que diz respeito às memórias, umas relacionadas diretamente com a casa, como lembra o Sr. Adão no alto de seus 92 anos *“Ajudei na construção, eu tinha oito anos [...] traziam os tijolos de carro de boi [...] e eu e a Adélia (irmã), essa que faleceu fez um ano ontem. Ajudou também a Olinda (irmã) a carregar tijolo, subir no andaime, tinha uma escada comprida, carregava o tijolo, tinha uma corda, colocava o tijolo, depois puxava.”* Relata a dificuldade financeira e os esforços para seu pai construir a moradia, e fala com orgulho da beleza de sua casa *“Naquele tempo não tinha dinheiro, gastamos 20 mil reis, e não foi fácil adquirir, todos que vem aqui, apontam aquela casa, que ela é bonita, gostam, não sei se é por causa do tipo, do feitio dela, mas ela é muito boa, bem conservada [...] ela faz parte da cidade.”*

Essas memórias, mesmo sendo de um passado distante, incitam memórias da minha infância, como quando criança, quando andei de carro de boi, tão lúdico como se estivesse voando ou andando sobre nuvens, segurava o toco de madeira que era envolto no carro, enquanto ao tocar os pedregulhos ele seguia a balançar e gemer. Nas palavras Bosi (2001, p. 82)

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente.

Valdecir lembra que quando criança vinha até o centro para ajudar o pai no trabalho e ficava a admirar as casas da praça com desejo de um dia ainda morar em uma delas *“olhava aquelas casas, pessoal muitas vezes na varanda em desfile de sete de setembro e eu assim: ‘quando será que a gente vai conseguir um dia estar aqui em uma varanda dessas olhando um desfile? Não imagina que iria acabar adquirindo uma e estaria aqui morando no centro da cidade e preservando um patrimônio daqui’*. Quando o questiono sobre o significado da janela, ele a coloca como um elemento fundamental na casa *“abro a janela da sala e a visão que eu tenho é da praça, da cidade em si e me recordo dos desfiles de sete de setembro, desfile de festa de vinho alegórico, o pessoal passando, o pessoal namorando no jardim, então a janela pra mim me traz esse tipo de recordação, esse tipo de visão”*.

Ao longo da entrevista pergunto a Valdecir qual a importância dos bens tombados para cidade e o que significaria uma possível perda desses bens, ele foi enfático ao responder que *“Se desmanchar tudo o que nos recorda o passado daqui mais alguns anos, não vai ter nada de referência da cidade do que foi o início da cidade, da colonização, dos pioneiros, dos imigrantes que chegaram aqui e deram essa casa, esse ar de cidade italiana, porque as construções são os traços da Itália, se a gente perder essas últimas casas que tem daqui mais, cinquenta, cem anos não vai ter mais essa referência, essa recordação do passado, essa ligação com a Itália.”*

Para Marielle que hoje possui o projeto “Casa Pedra Cancellier Ateliê Aberto”, a janela se tornou a identidade do projeto, ela a descreve como *“uma porta que se abre para o infinito, a janela aberta principalmente, então é aquela coisa que acolhe, que te convida a entrar, mas que ao mesmo tempo quando está dentro tu tem um infinito, aquela coisa do sem limites, dar asas a imaginação”*. Ao ser

questionada sobre o significado das janelas, Sra. Ivete ficou pensativa por alguns segundos e depois exclamou: *“Nunca pensei nisso”*, neste momento afirmei ainda mais a satisfação de poder levar a pessoas questões que elas não abordavam até então, o que passa despercebido para alguns, é fonte de alimentação para outros.

Marielle sempre destaca em suas falas a importância do patrimônio cultural para cidade, seja material ou imaterial *“uma construção que tem toda uma simbologia, uma história por trás que a gente não quer que se perca, porque as jovens hoje, as crianças já não tiveram contato com isso, então a gente também tem essa preocupação que toda essa história, todo esse trabalho dessas pessoas que passaram que construíram também seja resgatado e seja valorizado, e também o patrimônio imaterial que está por trás disso, a questão do saber, a forma como eles faziam, a própria questão das crenças, das danças, dos cultos tudo isso também é patrimônio”*.

Estando em contato constante com a casa, os objetos ali presentes, a história da família materializada em cada cômodo, Marielle conta que rememora suas memórias de infância *“sendo acolhida nessa casa a gente começa a resgatar também as memórias da infância, seja a questão da língua, o modo como cuidar da casa, as flores no jardim, essa coisa de os pregos, tem vários pregos pendurados, eles tinham a mania de pendurar as coisas em cada cantinho que encontravam, a forma de cuidar do jardim, varias coisas misturadas não é uma flor só é um pouquinho de tudo então tudo isso pra gente também começa a resgatar memórias da infância [...] tem essa coisa de reviver e também de se colocar no lugar deles, a situação daquela época, hoje a gente tem tudo com muito fácil acesso, naquela época não era assim, era tudo com muito esforço”*.

A pesquisa de campo torna-se componente fundamental para esta pesquisa, por meio das entrevistas realizadas me senti como parte de cada casa, que estruturam um cenário imponente de caminhos entrecruzados sob a ótica da arte, essas narrativas da história e da memória ramificaram ao passar dos anos, fundindo a reminiscência da cidade, materializadas em pedra e cal. A finalidade desta pesquisa de campo foi além do âmbito poético de tentar fazer parte das casas, foi também de coletar dados para a produção artística, desta forma todas as palavras, todos os contatos, olhares, emoções e gestos e até mesmo os momentos de silêncio, de pensamentos e dúvidas foram extremamente essenciais para a elaboração da produção em arte descrita nos capítulos a seguir.

## 5 ARTE E ARTE CONTEMPORÂNEA

Definir é limitar, e meu propósito não é limitar a arte nesta pesquisa, ao contrário, é deixá-la livre de limites, livre para o sensível, para desprender olhares, para questionar, para provocar, livre para ser arte. Entretanto, se faz necessário explicar sobre ela. A arte é mutável, assim como a sociedade, ela reflete o conceito histórico e passou por vários momentos, assumindo funções distintas, uma vez que o homem representa seu meio social através dela. Assim, de acordo com Fischer (1987, p. 15): “toda arte é condicionada pela sua época e representa a humanidade na medida em que corresponde às ideias e às aspirações, às necessidades e às esperanças de uma determinada situação histórica”.

Como janela do sensível, a arte surge a partir de um propósito (que nem sempre é uma obra de arte), porém ela pode ser compreendida de formas diversas pelo espectador, não exatamente o que o artista idealizou, e isto faz dela um meio de comunicação e interação com infinitas possibilidades de abrangência, desde a mais superficial à mais profunda, difícil é aquele que hoje seja indiferente à arte, afinal, ela pode ser representada pela música, poesia, cinema, fotografia, dentre outras composições e, de alguma forma, qualquer sujeito já deve ter vivenciado por esses meios.

A arte e em especial a arte contemporânea transcendem a ideia do belo, transcendem a moldura, a galeria e a autoria definida pelo fazer manual, afinal, a ideia que considera a autoria, também não estão mais presas a espaços delimitados e a linguagens específicas, propõe a desconstrução da lógica e “desinventa objetos<sup>23</sup>”. Em outras palavras, Kátia Canton (2009, p.12) diz que:

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção.

A arte contemporânea não está unificada a fins estéticos, decorativos ou religiosos, como já esteve, ela está presente para desafiar, criar questões, questionar certezas, levantar dúvidas, seu próprio conceito é anacrônico, de certa

---

<sup>23</sup> Termo utilizado por Manoel de Barros no poema “Uma didática da invenção” (BARROS, 2009, p.21)

forma, podemos dizer que se trata de produções em tempo atual, com linguagens cada vez mais incorporadas ao espectador.

A fotografia é a linguagem escolhida para compor esta pesquisa através da produção artística, ela se tornou uma das linguagens mais pertinentes na arte contemporânea. Surgiu ainda no século XIX e etimologicamente significa “escrita com a luz”. Segundo Sontag (1981, p. 04) “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada”, a fotografia parece ser fragmentos do mundo, tempo interrompido no instante em que nos apropriamos de cada imagem registrada tornando-a parte de nós. A fotografia registra a memória imagética, e para Dubois (2003) o papel da fotografia é conservar o traço do passado, um testemunho do que foi.

## 5.1 A POÉTICA DA JANELA

Mas o que é uma janela  
se não o ar emoldurado por esquadrias?<sup>24</sup>

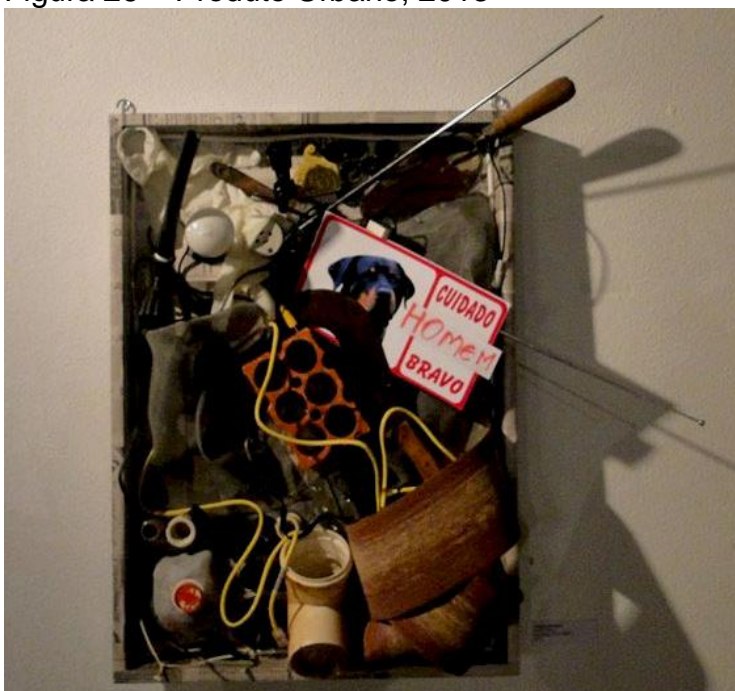
A temática da paisagem urbana, patrimônio cultural, memória, casa e arte me acompanham desde o início do curso, sempre percebi a cidade como um corpo vivo atuante, com intenções, desejos, receios, do lixo ao luxo a cidade é um emaranhado de contrastes e semelhanças. Durante o percurso, enquanto acadêmica do curso de Arte Visuais - Bacharelado, minhas produções refletiram o olhar para a paisagem urbana, como na produção: *Produto Urbano*, para exposição coletiva *City Art* realizada na Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidizinski - Anexo ao Teatro Municipal Elias Angeloni em Criciúma/SC - nos dias 10 a 20 do mês de Junho de 2013. Nesta produção a linguagem utilizada foi a assemblage<sup>25</sup>, utilizando elementos da construção civil como canos, fios, tijolos, entre outros.

---

<sup>24</sup> Trecho do livro *Água viva* de Clarice Lispector (LISPECTOR, 1973, p.30)

<sup>25</sup> O termo assemblage é incorporado às artes em 1953, cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de assemblages é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>> Acesso em 30 mai, 2015 às 14h.

Figura 26 – Produto Urbano, 2013



Fonte: Acervo da pesquisadora

Quando iniciei as reflexões sobre a presente pesquisa, meu olhar atento, curioso e questionador se voltou para um elemento simbólico, imaginativo e sedutor: as janelas. Olhar através dela, olhar para dentro dela, a janela, singelo enquadramento da paisagem interior e exterior, uma pequena porta que não permite passagem, se não a do olhar, do ar e da luz, é a luz que revela o espaço. Janelas, os olhos da alma, eu prezo casas com gatos sentados na janela, observando o movimento contínuo, atentos à calmaria ou à agitação do vento.

Mas o que significa janela? No dicionário “é uma abertura feita em parede ou telhado para deixar entrar claridade e ar, do latim *januella*, diminutivo de *janua*, porta<sup>26</sup>”, da mitologia romana Janus é o deus das portas e portais e do início das coisas, deu origem ao nome do mês de janeiro<sup>27</sup>. Jorge (1995, p. 24) diz que a janela “constitui uma das formas pela qual se conquista o espaço, amplia-se os limites da linguagem que o opera e lhe dá sentido”, já a autora Anne Cauquelin (2007, p. 138) coloca a janela como “um instrumento paisagístico por excelência, o instrumento perfeito de sua própria possibilidade”. Janela: a moldura da obra de arte

<sup>26</sup> Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/janela>>. Acesso em 28 mai. 2015 às 9h.

<sup>27</sup> Deus Janus – O Senhor dos Portais, disponível em <<http://sonhosdeluar.blogspot.com.br/2012/01/deus-janus-o-senhor-dos-portais.html>>. Acesso em 28 mai. 2015 às 11h



chamada cotidiano, memórias descortinadas, um muro interrompido por uma abertura do olhar.

Janela e fotografia, uma relação mais que possível. Vejo a janela como uma câmera fotográfica que capta cenas do cotidiano a todo instante, é íntima do olhar do outro e de quem está dentro, é o elemento da luz, e por este motivo deve ter sido escolhida para a possível primeira fotografia da história, intitulada "*View from the Window at Le Gras*"<sup>28</sup>, realizada por Joseph Nicéphore Niepce<sup>29</sup>, em 1826 na cidade de Saint-Loup-de-Varenes, na França, em uma placa de estanho emulsionada e exposta a luz solar por oito horas.

Figura 27 – *View from the Window at Le Gras*, 1826 de Joseph Nicéphore Niepce, Col. Gernsheim, Harry Ransom Center – Austin/Texas –EUA



Fonte:[http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/permanent/windows/southeast/joseph\\_nicephore\\_niepce.html](http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/permanent/windows/southeast/joseph_nicephore_niepce.html)

<sup>28</sup> Tradução Vista da Janela em Le Gras, Disponível em <<http://www.tecnoartenews.com/noticias/vista-da-janela-em-le-gras-a-primeira-fotografia-da-historia/>> Acesso 28 mai. 2015 às 14h

<sup>29</sup> Físico francês nascido em Chalon-sur-Saône, Saône-et-Loire, autor de pesquisas fundamentais para a invenção da fotografia. Iniciou um processo que denominou Heliografia (escrita do sol) feita com uma placa de estanho derivado de um petróleo fotossensível, podendo ficar cerca de 8 horas na exposição solar. Disponível em <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JophNice.html>> Acesso 28 mai. 15h

No processo de pesquisa sobre artistas e janelas descubro Letícia Lampert<sup>30</sup>, que, como descreve Talitha Motter, em seu texto publicado na revista *Arte & Ensaios* (2013, p. 100) “da janela particular, íntima (...) para as muitas que enchem de olhos da cidade contemporânea. Em ‘(des)construções’ esse elemento arquitetônico assume outros significados”. “(Des)construções” é formada por uma série de colagens que, de forma lúdica, junta partes desconexas de casas e prédios para construir com eles novas moradias que, de tão improváveis, chegam a parecer muito familiares. Esta série é formada por 19 colagens de formatos variados<sup>31</sup>.

Figura 28 - (des)construções #1, 2007 Fotografia e Colagem 95x98cm



Fonte: <<http://www.leticialampert.com.br/portfolio/artefotografia/desconstrucoes/>>

A janela é um elemento recorrente nas produções da artista, que percebe a janela como um ponto de encontro. Em “Conhecidos de Vista” ela propõe um olhar

<sup>30</sup>Letícia Lampert formada em Design – Programação Visual, pela Ulbra, e Artes Visuais – Fotografia, pela UFRGS, atua no mercado como designer autônoma desde 2005, tendo trabalhado anteriormente em agências e escritórios de Design. No campo das Artes vem desenvolvendo seu trabalho através da fotografia, vídeo e livros de artista. Biografia Letícia Lampert, disponível em <<http://www.leticialampert.com.br/bio/>>. Acesso em 29 mai. 2015 às 5h.

<sup>31</sup>Des(construções). Disponível em: <<http://www.leticialampert.com.br/portfolio/artefotografia/desconstrucoes/>>. Acesso em 29 mai. 2015 às 6h.

para uma cena cotidiana do contexto urbano contemporâneo: prédios com janelas próximas demais, em que a paisagem da janela é a vida do outro. Ela visitou quarenta apartamentos em Porto Alegre/RS captando fotografias e gravações de áudio, a escolha destes apartamentos foi aleatória, onde as fachadas e ruas formavam esse confronto entre janelas.

Figura 29 - Conhecidos de Vista #22, Fotografia, 2013 150 x 100 cm



Fonte: <http://www.leticialampert.com.br/portfolio/artefotografia/conhecidos-de-vista/#>

A identificação com as produções da Letícia foi imediata, em especial com a produção citada anteriormente, a imagem desconstruída em fragmentos da cidade e reconstruída como uma casa imaginária, como memória, feita de fragmentos que ao longo do tempo se reconstróem em imagens, Bachelard (1988, p. 147) diz que a “imagem se instala dentro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa [...], os registros sensíveis se correspondem. Completam-se um ao outro”.

A janela do quarto diz muito sobre mim, a paisagem que ela enquadra resume a minha vida até o momento, cada pedra, cada pé de alface, cada sarrafo do paiol, cada girino no açude refletem meu eu, meu eu na janela negra de persianas vazadas, que espiava chorando o porco a morrer, e o pai exclamava que ele não morria por eu estar ali. Janela por onde que eu via a roça e a mãe a capinar. Janela

na qual debruçada ouvia o som dos grilos e sapos na noite, cantava com eles a canção mais triste sem nexos, texto ou gesto, parafraseando Bachelard (1988, p. 54) “o devaneio faz-nos conhecer a linguagem sem censura”.

## 5.2 PROCESSO CRIATIVO, PRODUÇÃO ARTÍSTICA

O ponto de partida para a elaboração de uma produção artística é a interação com o ser sensível e a percepção, Ostrower (1987, p.12) define sensibilidade como uma “abertura constante ao mundo que nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós”. A autora coloca que a sensibilidade não apenas se restringe ao homem, mas a qualquer forma de vida. Parte desta sensibilidade está vinculada ao inconsciente e equivale às nossas reações involuntárias, e parte está relacionada ao consciente, onde pode ser ordenada e articulada, isto é, a nossa “percepção a elaboração mental das sensações<sup>32</sup>”.

Percebendo o patrimônio material edificado da cidade de Urussanga como o reflexo da cultura e da identidade local, e também como um objeto revelado por um olhar de afeto e apego, resgatando significados e memória

A memória rodeia, roça e penetra os materiais de cultura, neles de apoiando, neles se agarrando e se arraigando, compondo o campo de uma economia, de uma geografia e de uma arquitetura intrinsecamente existenciais: aí onde a paisagem humana convida não ao olhar insolente, desdenhoso, dos vínculos consumistas, em que as coisas todas, intercambiáveis, reduzidas ao espectro de uma mercadoria, perderam sua intimidade, sua atmosfera, mas aí onde a paisagem humana convida à fruição de um olhar semiológico, comovido e distanciado, que toma as coisas em seu valor distintivo. (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 107)

Utilizar a janela como elemento substancial da produção artística desta pesquisa é transformá-la em um instrumento de ligação, um elo entre o sensível e a identidade. Dialogando com a fotografia e com a pesquisa de campo, faço uso da linguagem fotográfica, foram vinte e cinco janelas fotografadas entre os dias 10 e 18 de maio de 2015, destas adotarei para a produção cinco imagens:

---

<sup>32</sup>Ibdem (1987, p. 12)



Figura 30 – Janela #01 - 2015



Figura 31 – Janela #02 - 2015



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 32 – Janela#03 - 2015



Figura 33 – Janela #4 - 2015



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 34 – Janela #05 - 2015



Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 35 – Janelas da Pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 36 – Janelas da Pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 37 – Janelas da Pesquisa

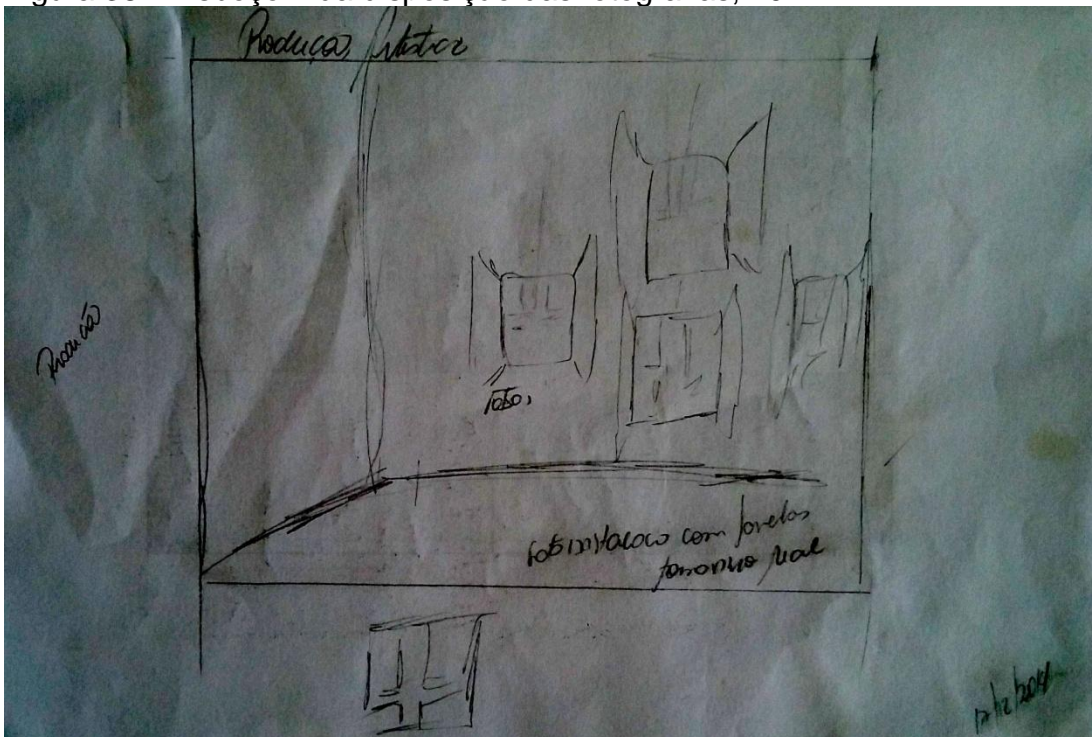


Fonte: Acervo da pesquisadora

A formação da produção artística passou por várias concepções e formas, no primeiro momento, antes de fotografar, cogitei utilizar a imagem exatamente no recorte da janela em tamanho real com todas as janelas abertas com vista para o interior, porém ao fotografar e enquadrá-las percebi que a parede também faz parte dessa composição e que a retirando as janelas estariam perdendo elementos significativos da imagem, como as ações do tempo: o mofo, a tinta descascada, a ferrugem, as pedras colocadas propositalmente a evidenciar a janela. Também não foi possível fotografar as janelas abertas, pois uma parte das edificações não possui moradores.

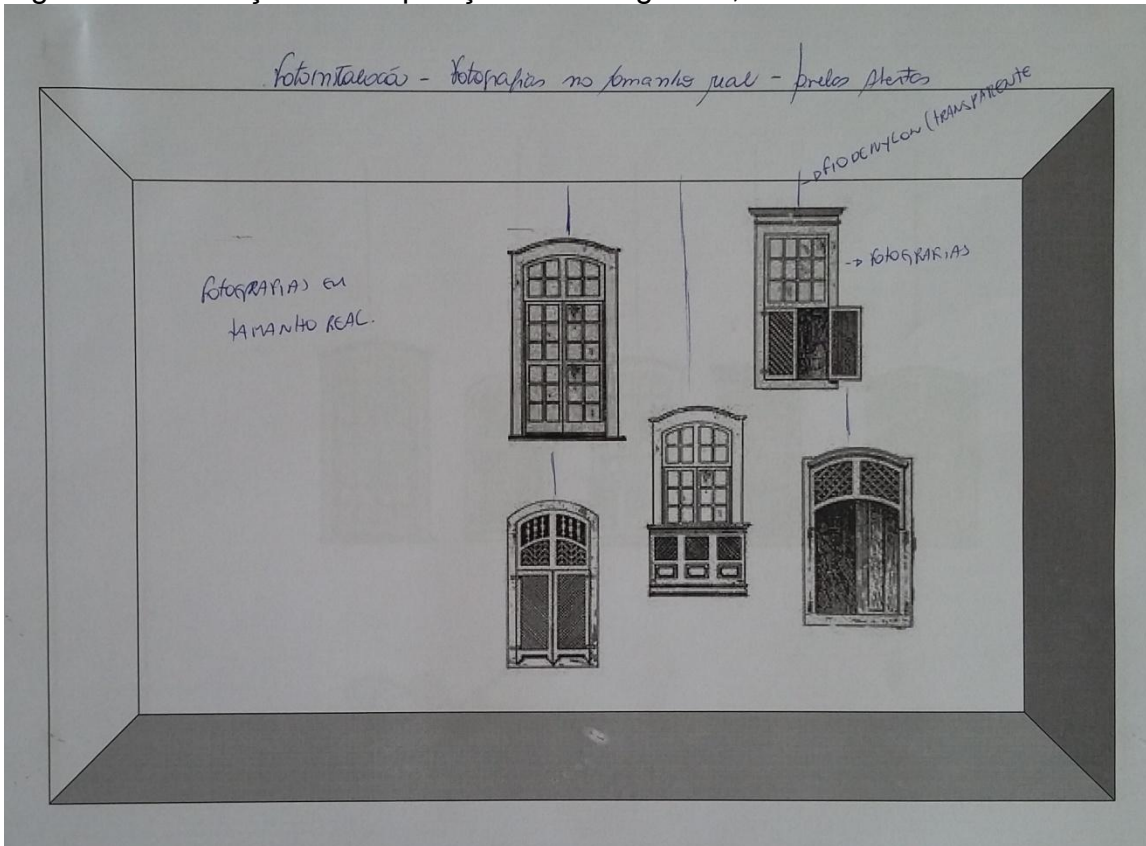
Salles (1998, p.26) aponta que “a arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente”.

Figura 38 – Esboço 1 da disposição das fotografias, 2014.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 39 – Esboço 2 da disposição das fotografias, 2015.

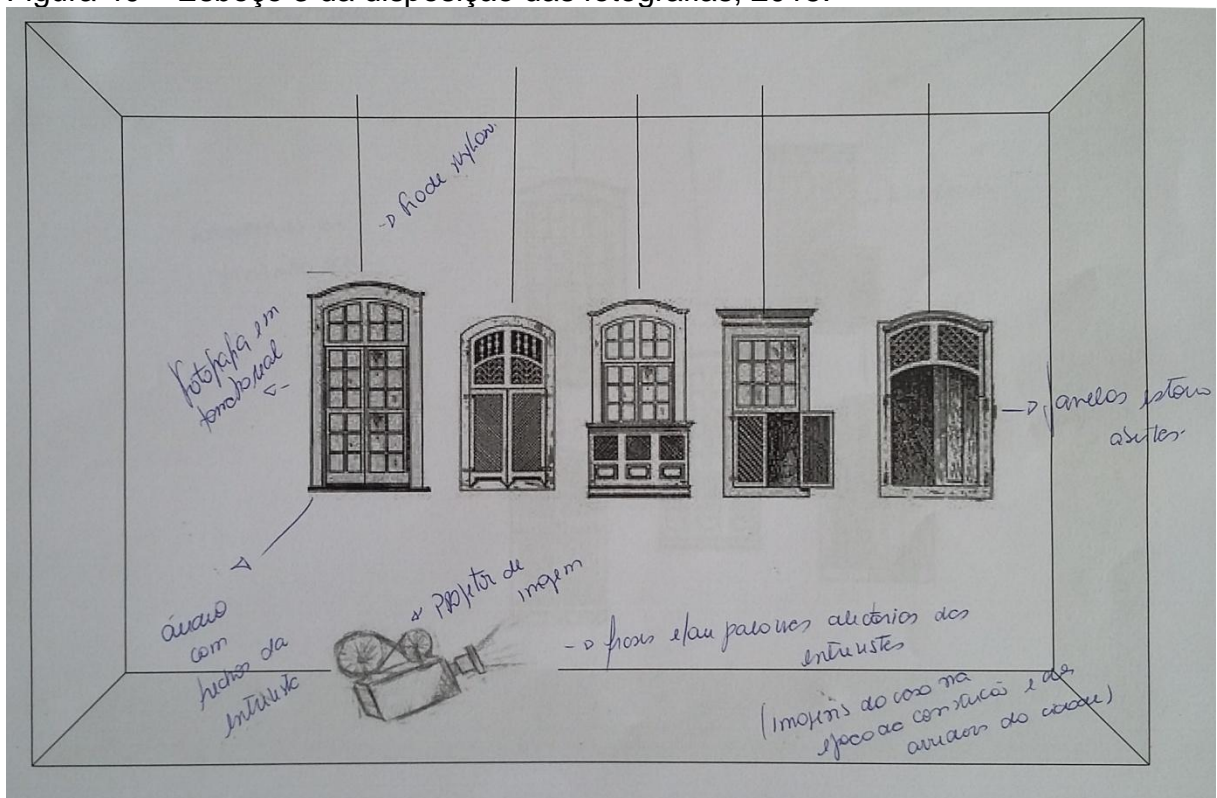


Fonte: Acervo da pesquisadora



As entrevistas foram fundamentais para delinear a produção artística, tornando parte material da produção, restava definir como o espectador teria acesso a ela e como iria compor com as fotografias, assim surgiu a possibilidade de utilizar um projetor e então projetar frases das entrevistas nas janelas, agora dispostas de forma linear, ainda penduradas ao fio de nylon. Após fotografar as janelas, a paixão e o encanto com o resultado foram maiores que eu, e em um pensamento megalomaniaco pensei em utilizar todas as vinte e cinco imagens em tamanho 50 x 80 cm, porém logo foi descartado, devido ao espaço limitado e ao custo elevado para a produção

Figura 40 – Esboço 3 da disposição das fotografias, 2015.

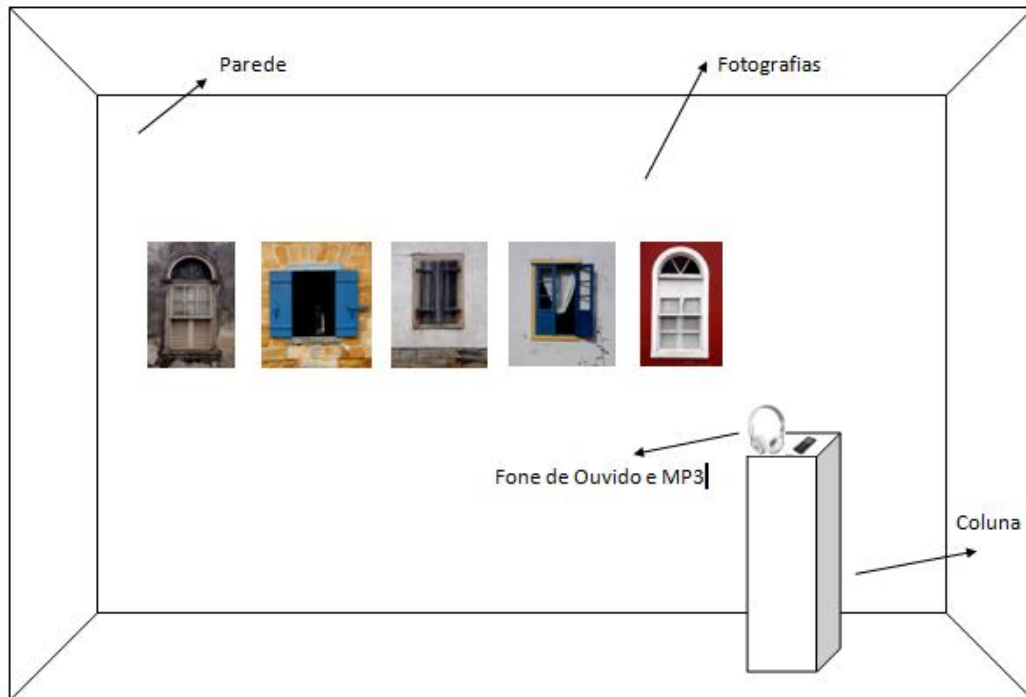


Fonte: Acervo da pesquisadora

Por fim, o uso do projetor foi abortado e passei a utilizar material sonoro proveniente das entrevistas durante a pesquisa de campo contendo trechos de cada uma das cinco entrevistas realizadas, onde será disposto no local da exposição um aparelho mp3 e fone de ouvido sobre uma coluna ao lado das cinco fotografias, impressas em papel fotográfico em tamanho 50 x 80 cm. Este conjunto de elementos que compõem a produção artística (fotografias e o aparelho sonoro) faz parte de uma proposição a instigar os sentidos da visão e da audição e por meio deles fazer

com que o espectador sinta-se envolvido pelas vivências ouvidas e memórias que surgem a partir da casa, provocando um intercâmbio entre sua casa e essas apresentadas, fazendo surgirem memórias, fazendo-o sentir-se, de alguma forma, íntimo com as casas e com a cidade. A produção final que também recebe o nome da pesquisa “*Janelas da Memória*” será apresentada em uma exposição pública.

Figura 41 - Esboço 4 da disposição das fotografias, 2015.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

## 6 CONSIDERAÇÕES DE UMA JANELA ABERTA

Sendo esta pesquisa fruto de inquietações e questionamentos sobre o patrimônio cultural, memória e identidade, tomando como objeto de estudo as edificações tombadas da cidade de Urussanga e acreditando que o homem nunca cessará suas inquietações e questionamentos, não apresento um desfecho conclusivo e sim reflexões sobre o caminho.

Tomando as edificações e a janela como elementos poéticos a serem estudados, partindo do questionamento central da pesquisa “como materializar poeticamente a memória e a identidade dos moradores de Urussanga/SC evidenciadas em seu Patrimônio Cultural, a partir do olhar de fora para dentro das janelas das suas casas tombadas?” passo a delinear a pesquisa através de embasamentos teóricos e reflexões pessoais.

Debruçada sobre leituras consegui traçar o caminho percorrido pelo patrimônio, desde sua ideia inicial de objeto pertencente a um sujeito e às suas concepções sobre o tangível e o intangível, sobre a proporção grandiosa que o transformou no decorrer do tempo. Infelizmente, devido à falta de planejamento e despreparo por parte do poder público, ainda é preciso tomar como consciência que o centro histórico é um lugar vivo, de memória coletiva, de identidade cultural, lugares vivos e sensíveis. Delineando o caminho do imigrante italiano, munido apenas de esperança e fé rumo à terra prometida, da Itália até uma montanhosa mata fechada em que ele transformou em uma das cidades mais charmosas e acolhedoras do país, Urussanga, a terra não apenas do vinho, mas também do maior conjunto patrimonial da imigração italiana no sul do Estado de Santa Catarina.

Um dos fios condutores do estudo foi a pesquisa de campo, a emoção de estar no interior de algumas das casas e entrevistar pessoas que moram ou que de alguma forma possuem ligações com as casas foram de extrema relevância, não somente para a pesquisa mas também para minha vida. Fiquei comovida por vários momentos, me senti na pele do imigrante ao construir sua moradia, com muito esforço, como revela o Sr. Adão, um dos entrevistados, com 92 anos, ele lembra com exatidão de quando, aos 8 anos, juntamente com suas irmãs carregava tijolos para ajudar na construção.

Entre os objetivos da pesquisa está a valorização destas memórias inerentes às casas e as que surgem a partir dela, como acontece comigo, sendo um

dos pontos de partida para as questões que perscrutam o estudo. De alguma forma eu me sinto íntima das casas, assim como hoje percebo que a casa é praticamente uma extensão do homem e que ela se torna parte de seu corpo, sendo as leituras um dos responsáveis por este entendimento.

Ainda explanando sobre as entrevistas, em conversa com Marielle, juntamente com sua irmã Michelle, que idealizaram e colocam em prática o projeto que atualmente está instalado em uma das edificações chamado: “Casa de Pedra Cancellier - Ateliê Aberto”, onde é proposto um espaço de integração com a comunidade e com artistas locais com objeto de difundir a cultura local e a história da imigração italiana, nesta conversa pude compreender como ocorreu a história da imigração no vale do Rio Maior, além de ricas considerações a respeito do patrimônio local.

Nas investigações sobre arte contemporânea e linguagens artísticas percebi que a fotografia é uma “apropriação” da memória, estas constatações a respeito da fotografia evidenciam a produção artística, fruto do processo criativo durante a pesquisa. A produção artística objetiva evidenciar a identidade e a memória da cidade de Urussanga, utilizando o elemento janela. Acredito que “*Janelas da Memória*” conseguiu se apropriar das memórias intrínsecas nas casas e nas narrativas de seus usuários ou familiares.

Ao término acredito ter cumprido o objetivo central da pesquisa de desenvolver um estudo sobre as edificações tombadas da cidade de Urussanga, e através de entrevistas, materializar a memória e a identidade dos moradores, a fim de elaborar poeticamente o olhar de fora para dentro das janelas e então desenvolver uma produção artística. Posso dizer que esta pesquisa também se configura como uma janela, uma janela que não pode ser fechada nem obstruída, com vista para uma paisagem infinita.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ASSEMBLAGE. In: Itaú Cultural. 2015. Disponível em: <[enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/asmontage](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/asmontage)>. Acesso em: 07 jun. 2015

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BALDESSAR, M. Q. Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições**. 2005.

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os Vênetos em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

BALDESSAR, M. Q. Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições**. 2005.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. Campanhas: Papyrus, 2000.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Apanhador de Desperdícios**. Entre Culturas, 2010. Disponível em: <[www.entreculturas.com.br/2010/10/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/](http://www.entreculturas.com.br/2010/10/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/)>. Acesso em: 07 jun. 2015

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. 1988. Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Ministério da Cultura. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm)>. Acesso em 07 abril. 2015, às 22h.

\_\_\_\_\_. CONSTITUIÇÃO FEDERAL. 1988. Artigo 216. Senado Federal. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 10 abril. 2015, às 20h

\_\_\_\_\_. Código Civil. **Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002**. Ministério da Justiça. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm)>. Acesso em 08 abril, 2015, às 21h.

\_\_\_\_\_. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. 2014. **Institucional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&eterno=paginalphan>>. Acesso em 08 abr, 2015, às 20h.



\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Santa Catarina**: Urussanga. 2014. Disponível em:

<[www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421900&search=santa-catarina|urussanga|infograficos:-informacoes-completas](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421900&search=santa-catarina|urussanga|infograficos:-informacoes-completas)>. Acesso em: 13 ab. 2015.

BROGGIATO, Heloísa. **O modernista que descobriu o Brasil**. Swissinfo, 11 nov. 2012. Disponível em: <[http://www.swissinfo.ch/por/blaise-cendrars-\\_o-modernista-que-descobriu-o-brasil/33925744](http://www.swissinfo.ch/por/blaise-cendrars-_o-modernista-que-descobriu-o-brasil/33925744)>. Acesso em: 7 abr. 2015

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002

CASTRO, Sônia Rabello de. **O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CATTANI, Icléia. **Traços, paisagens e diferenças**. Texto para catálogo, exposição Traits, Galerie Debret, Paris, 2000. Disponível em: [http://www.teresapoester.com.br/sur\\_travail/textes/portugais/textes\\_portugais7.php](http://www.teresapoester.com.br/sur_travail/textes/portugais/textes_portugais7.php) Acesso em 24 de out. 2014

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio material e memória da nação**. Jornal UNESP, São Paulo: Setembro/2005 – Ano XIX. nº 204. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/204/supleb.php>> Acesso em: 19 março 2015, às 22h.

CRUZ, Helena. **Deus Janus - O Senhor dos Portais**. Nlog Sonhos de Luar, 16 jan. 2012. Disponível em: <[sonhosdeluar.blogspot.com.br/2012/01/deus-janus-o-senhor-dos-portais.html](http://sonhosdeluar.blogspot.com.br/2012/01/deus-janus-o-senhor-dos-portais.html)>. Acesso em: 07 jun. 2015

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

ESCARAVACO, Arnaldo. **Urussanga: As Imagens da história da colonização à última década do século XIX**. Urussanga, SC. 1984

FELLIPE, M. L. **Casa: uma poética da terceira pele**. Psicologia & Sociedade, 22 (2), 299-308. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/10.pdf>> Acesso em 22 mai. 2015 às 23h.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto (Org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da(org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005

JANELA. In: **Priberam**, dicionário da língua portuguesa online. 2015. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/janela>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

JORGE, Luís Antônio. **O desenho da janela**. São Paulo: Annablume, 1995.

JORNAL VANGUARDA. **O carvão mudou o cenário da economia em Urussanga**. 29/07/2009. Disponível em: <[www.jvanguarda.com.br/site2012/2010/07/29/o-carvao-mudou-o-cenario-da-economia-em-urussanga/](http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2010/07/29/o-carvao-mudou-o-cenario-da-economia-em-urussanga/)>. Acesso em: 21 mai. 2015

\_\_\_\_\_. **A fábrica do Pioneirismo**. 04/03/2010. Disponível em: <<http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2010/03/04/a-fabrica-do-pioneirismo/#>>. Acesso em 21 mai. 2015

JOSEPH-Nicephore Nièpce. Só Biografias, 2015. Disponível em: <[www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JophNice.html](http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JophNice.html)>. Acesso em: 07 jun. 2015.

LAMPERT, Leticia. **Des(construções)**. 2015. Disponível em: <<http://www.leticialampert.com.br/portfolio/artefotografia/desconstrucoes/>>. Acesso em 29 mai. 2015 às 6h.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973

MARTINS, Clerton. **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MATIOLA, Vanessa; PEREIRA, César (Org.). **Urussanga: traços da história**. Urussanga: Vanguarda, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTA CATARINA. Guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina / IPHAN - Florianópolis: Superintendência do IPHAN em Santa Catarina, 2010.

SÃO PAULO. **Roteiro O Café e a História da Cidade**. 2015. Disponível em <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/roteiros/roteiros-tematicos/roteiro-cafe>>. Acesso em 07 abr 2015.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor. 1981.

TORELLY, Luiz P. P. **Notas sobre a evolução do conceito de Patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Jul./Dez. v.5, n. 2. 2012. Disponível em <[http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum\\_patrimonio/article/view/109/97](http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/109/97)> Acesso em 30 março 2015, às 23:30h.

TURINO, Célio. Uma gestão cultural transformada. **Revista Princípios**, Edição 71, nov/jan, 2003-2004. p. 73-77. Disponível em: <[www.fmauriciograbois.org.br/cultura/index.php?option=com\\_content&view=article&id=10:gestao-cultural&catid=2:debate&Itemid=5](http://www.fmauriciograbois.org.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=10:gestao-cultural&catid=2:debate&Itemid=5)>. Acesso em: 07 jun. 2015

UNESCO. Resolução n.38/2014/ Colegiado UNAHCE UNESCO. 2014. Disponível em <<http://www.unesc.net/portal/>> Acesso em 2 jun. 2015 às 20h.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369por.pdf>> Acesso em 30 março 2015, às 20h.

UNIVERSIA BRASIL. **Impressionismo**: Vaso com quinze girassóis, de Vincent Van Gogh. Fev, 2014. Disponível em: <[noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/02/10/1080905/impressionismo-vaso-com-quinze-girassois-vincent-van-gogh.html](http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/02/10/1080905/impressionismo-vaso-com-quinze-girassois-vincent-van-gogh.html)>. Acesso em: 07 abr. 2015

URUSSANGA, Prefeitura Municipal. **Apresentação**. 2015. Disponível em: <<http://www.urussanga.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/6330#.VWSqQs9Viko>> Acesso em: 21 mai. 2015 às 10h.

VANGUARDA. In: **Priberam**, dicionário da língua portuguesa online. 2015. Disponível em: < <http://www.priberam.pt/dlpo/vanguarda>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

VISTA da janela em Le Gras': a primeira fotografia da história. Tecno@rtenews. 31 jun. 2012. Disponível em: <[www.tecnoartenews.com/noticias/vista-da-janela-em-le-gras-a-primeira-fotografia-da-historia/](http://www.tecnoartenews.com/noticias/vista-da-janela-em-le-gras-a-primeira-fotografia-da-historia/)>. Acesso em: 07 de jun. 2015

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO – 8ª FASE  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II  
ACADÊMICA: VERIDIANA MENDES**

**Questionário**

1. Relação com as casas antigas:  
Morador ( ) Familiar ( ) Outro ( )
2. Esta casa é patrimônio tombado? Qual seu conceito de patrimônio histórico?
3. Qual a história da construção da casa e a relação com o contexto social local, naquela época?
4. Quais as memórias que você tem em relação àquela casa? E que outras memórias surgem a partir das casas?
5. O que representam as janelas da casa para você?
6. Qual a importância das casas antigas (tombadas ou não) para Urussanga e para a afirmação da sua identidade cultural?
7. Para a cidade como um todo, se as casas tombadas deixassem de existir, que efeito causaria?

Para sua identificação dos dados na pesquisa, gostaria que você indicasse a forma que prefere:

- Nome completo ( )
- Pseudônimo ( )
- Somente as iniciais do nome ( )
- Outras letras ( )

**Criciúma (SC), maio de 2015.**

---

**Assinatura do Participante**

---

**Assinatura do Acadêmico pesquisado**

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Janelas da Memória**.

O (a) sr(a): \_\_\_\_\_ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos de desenvolver uma pesquisa sobre as casas antigas da cidade de Urussanga através de narrativas, materializando a memória e a identidade dos moradores, a fim de elaborar poeticamente o olhar de fora para dentro das janelas e desenvolver uma produção artística. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes à sua identidade serão preservados segundo os preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Veridiana Mendes, telefone: (48) 9652 4617 da 8ª fase de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC orientada pela professora Edite Volpato Fernandes.

Criciúma (SC) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Assinatura do Responsável

**ANEXOS**

ANEXO A – REPORTAGEM DO JORNAL A TRIBUNA SOBRE A EXPOSIÇÃO:  
CITY ART, EDIÇÃO 15 E 16 DE JUNHO DE 2013

criciatribuna.com Sábado e Domingo, 15 e 16 de Junho de 2013 **Entretenimento** A Tribuna **17**

**Expressão** ▶ Exposição reúne obras de 23 artistas e também de acadêmicos da 6ª fase do curso de Letras da Unesc

## Olhares artísticos voltados para Criciúma

redacao@atribunenet.com

**C**ity Art, ou "arte e cidade", é o nome escolhido para a exposição dos 23 artistas e dos acadêmicos da 6ª fase do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Diferentes olhares e conceitos de Criciúma expostos em diversos tipos de obras artísticas, desde desenhos à lápis até instalações elétricas.

De acordo com a acadêmica e estagiária da galeria Mahiro Silveira, a exposição faz parte da disciplina de Arte e Agenciamento Cultural, ministrada Amalheine Boesio Reddy. "O objetivo maior é trazer o olhar artístico para a cidade. Cada artista trouxe algo diferente", comenta.

**Exercício da Criatividade**  
Técnicas como a monotipia, serigrafia, impressões gráficas, manipu-

lação digital, instalações elétricas e até performances artísticas foram criadas pelos artistas.

A estudante Mahiro gravou um vídeo da performance chamada "Vendo este Corpo", na qual se veste com roupas sensuais e carrega uma placa com esse mesmo título no centro de Criciúma. O intuito do desempenho seria despertar olhares e impressões nas pessoas. "Ouvi muitas coisas, uma mulher evangélica parou só para me xingar", conta.

Ela ainda acrescenta que a obra também foi feita para chamar atenção para a prostituição. "O corpo como produto. Hoje em dia tem gente que se vende por quase nada, por um carro, um sobrenome. Inclusive na mídia; as mulheres muitas vezes estão lá por causa do corpo", enfatiza.

A exposição acontece até o dia 20 de junho, na Galeria Octávia Gaidzinski, localizada no mesmo prédio do Teatro Elias Angeloni.



**VISITAÇÃO**  
Obras estarão abertas ao público até 20 de julho, na Galeria Octávia Gaidzinski

LEONARDO ZANBLAT TRIBUNA